

PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO SANTO-ANGELENSE

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE PRELIMINAR DO MATERIAL CONTIDO NA
RESERVA TÉCNICA DO NÚCLEO DE ARQUEOLOGIA DO
MUSEU MUNICIPAL DR. JOSÉ OLAVO MACHADO

ORESTES JAYME MEGA

LEANDRO DA SILVA ZIMMERMANN

FELIPE MATEUS DE MOURA



EDITORA

ILUSTRAÇÃO

ORESTES JAYME MEGA
LEANDRO DA SILVA ZIMMERMANN
FELIPE MATEUS DE MOURA

PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO SANTO-ANGELENSE

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE PRELIMINAR DO MATERIAL CONTIDO
NA RESERVA TÉCNICA DO NÚCLEO DE ARQUEOLOGIA DO MUSEU
MUNICIPAL DR. JOSÉ OLAVO MACHADO

Editora Ilustração
Santo Ângelo – Brasil
2026



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0>

Editor-gerente: Fábio César Junges

Capa: IA

Autoridades Municipais

Prefeito Municipal: Nívio Boelter Braz

Secretário de Cultura e Esporte: Edmilson Pretto

CATALOGAÇÃO NA FONTE

M496

Mega, Orestes Jayme

Patrimônio arqueológico santo-angelense : apresentação e análise preliminar do material contido na reserva técnica do Núcleo de Arqueologia do Museu Municipal Dr. José Olavo Machado / Orestes Jayme Mega, Leandro da Silva Zimmermann, Felipe Mateus de Moura. - Santo Ângelo : Ilustração, 2026.

122 p. : il. ; 23 cm

ISBN 978-65-6135-268-0

DOI 10.46550/978-65-6135-268-0

1. Arqueologia - Santo Ângelo - Rio Grande do Sul. 2. Arqueologia - Redução Jesuítico-Guarani. 3. Dados arqueológicos - NArq/MMJOM. I. Zimmermann, Leandro da Silva II. Moura, Felipe Mateus de III. Título

CDU: 902.2(816.5)

Responsável pela catalogação: Fernanda Ribeiro Paz - CRB 10/ 1720



Prefeitura Municipal de Santo Ângelo

Secretaria da
CULTURA
Santo Ângelo-Missões-RS



MUSEU MUNICIPAL
Dr. José Olavo Machado
Santo Ângelo-RS



E-mail: eilustracao@gmail.com

www.editorailustracao.com.br

Conselho Editorial



Dra. Adriana Maria Andreis	UFFS, Chapecó, SC, Brasil
Dra. Adriana Mattar Maamari	UFSCAR, São Carlos, SP, Brasil
Dra. Berenice Beatriz Rossner Wbatuba	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dr. Clemente Herrero Fabregat	UAM, Madri, Espanha
Dr. Daniel Vindas Sánches	UNA, San Jose, Costa Rica
Dra. Denise Tatiane Girardon dos Santos	UNICRUZ, Cruz Alta, RS, Brasil
Dr. Domingos Benedetti Rodrigues	UNICRUZ, Cruz Alta, RS, Brasil
Dr. Edeimar Rotta	UFFS, Cerro Largo, RS, Brasil
Dr. Edivaldo José Bortoleto	UNOCHAPECÓ, Chapecó, SC, Brasil
Dra. Elizabeth Fontoura Dorneles	UNICRUZ, Cruz Alta, RS, Brasil
Dr. Evaldo Becker	UFS, São Cristóvão, SE, Brasil
Dr. Glaucio Bezerra Brandão	UFRN, Natal, RN, Brasil
Dr. Gonzalo Salerno	UNCA, Catamarca, Argentina
Dr. Héctor V. Castanheda Midence	USAC, Guatemala
Dr. José Pedro Boufleuer	UNIJUÍ, Ijuí, RS, Brasil
Dra. Keiciane C. Drehmer-Marques	UFSC, Florianópolis, RS, Brasil
Dr. Luiz Augusto Passos	UFMT, Cuiabá, MT, Brasil
Dra. Maria Cristina Leandro Ferreira	UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil
Dra. Neusa Maria John Scheid	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dra. Odete Maria de Oliveira	UNOCHAPECÓ, Chapecó, SC, Brasil
Dra. Rosângela Angelin	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dr. Roque Ismael da Costa Güllich	UFFS, Cerro Largo, RS, Brasil
Dr. Salete Oro Boff	ATITUS, Passo Fundo, RS, Brasil
Dr. Tiago Anderson Brutti	UNICRUZ, Cruz Alta, RS, Brasil
Dr. Vantoir Roberto Brancher	IFFAR, Santa Maria, RS, Brasil

Livro apresentado à comunidade missioneira em comemoração aos 400 anos da chegada das Missões Jesuítico-Guarani ao Rio Grande do Sul.

“O que sabemos é uma gota, o que ignoramos é um oceano”.

Isaac Newton

À boa gente Missioneira, a quem dedicamos nossos esforços.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	13
APRESENTAÇÃO	15
INTRODUÇÃO	17
1 ARQUEOLOGIA: UMA CIÊNCIA DE FRAGMENTOS, LACUNAS, CONCENTRAÇÕES E AUSÊNCIAS.....	19
2 A RESERVA TÉCNICA DO NÚCLEO DE ARQUEOLOGIA DO MUSEU MUNICIPAL DR. JOSÉ OLAVO MACHADO: UMA “SALA DO TESOURO”	21
3 UM POUCO DE TEORIA ARQUEOLÓGICA	23
4 SANTO ÂNGELO ANTES DA CHEGADA DOS JESUÍTAS: UMA BREVÍSSIMA APRESENTAÇÃO DA HISTÓRIA PRÉ-COLONIAL DO RIO GRANDE DO SUL.....	29
5 BREVE HISTÓRIA DAS REDUÇÕES JESUÍTICO-GUARANI E DO PROCESSO DE REPOVOAMENTO DA ÁREA DO QUADRILÁTERO MISSIONEIRO	35
6 O QUADRILÁTERO MISSIONEIRO.....	41
7 BREVE HISTÓRICO DA PESQUISA ARQUEOLÓGICA EM SANTO ÂNGELO.....	43
8 AS INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS NO QUADRILÁTERO MISSIONEIRO	53
9 MÉTODO	59
9.1 Categorias vestigiais	59

10 ANÁLISES.....	65
10.1 Análise espacial	65
10.2 Análise frequencial	82
10.3 Análise composicional	84
10.4 Análise cronológica.....	87
10.5 Análise funcional.....	89
11 ESTRATIGRAFIA	91
11.1 Média vertente	93
11.2 Alta vertente.....	94
11.3 Topo da colina	96
12 SÍNTESE DOS DADOS E BREVÍSSIMA INTERPRETAÇÃO ARQUEOLÓGICA.....	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
REFERÊNCIAS.....	113
ANEXO	117
SOBRE OS AUTORES.....	121

PREFÁCIO

Este livro surgiu da necessidade de uma apresentação detalhada dos dados arqueológicos referentes à reserva técnica do Núcleo de Arqueologia do Museu Municipal Dr. José Olavo Machado (doravante NArq/MMJOM) e, também, da oportunidade de apresentar uma síntese interpretativa preliminar destes dados a todas as pessoas interessadas em arqueologia.

O que o leitor tem em mãos é fruto de dois anos de pesquisa, que envolveram várias etapas, indo da quantificação e classificação de vestígios arqueológicos até o esforço interpretativo sobre mesmos vestígios.

Alicerçada numa visão de que não apenas os vestígios arqueológicos, mas também os dados obtidos através da análise dos mesmos devem ser publicados a fim de que todas as pessoas interessadas possam usufruir do conhecimento adquirido através da pesquisa arqueológica, a equipe do NArq/MMJOM, neste livro, se esforçou por apresentar a sistemática utilizada para a aquisição destes dados a partir do material bruto (os vestígios arqueológicos). Desta forma, o livro oferece não apenas um conjunto de informações úteis para a arqueologia do noroeste gaúcho, mas também um método replicável para futuras pesquisas na região.

Por fim, é importante destacar que este livro representa apenas um esforço inicial. Em outras palavras, ele é um ponto de partida e não um ponto de chegada. Outras publicações estão previstas pela equipe do NArq/MMJOM, nas quais haverá o aprofundamento de várias das análises apresentadas no presente livro, assim como análises novas.

Com absoluta certeza, a arqueologia do noroeste gaúcho está bem representada nas páginas a seguir.

APRESENTAÇÃO

UM DIA, UM POTE DE BARRO FOI FEITO

Com seu esqueleto de minhoca enrolada na forma da cuia, a oleira Guarani registrou a necessidade de cozinhar ou guardar, ao mesmo tempo em que imprimiu em um recipiente uma visão de mundo única, que os jesuítas encontraram e desafiaram - parcialmente. Não era prudente colocar em xeque tudo o que uma cultura tinha a oferecer à Coroa Espanhola, o que punha a atividade missionária, em sua maior parte, como um esforço colonial aliado ao catequético. Entender era uma forma de apagar, muito embora isto não tenha chegado a acontecer de forma absoluta, em mais de 150 anos de Missões na Argentina, Paraguai, Uruguai e Brasil. O que houve foram tênues diferenças que plasmaram o quão original e originário foi esse sincretismo inaudito do contato no que hoje são terras santo-angelenses. Potes de barro, feitos em torno ou modelados com roletes (“minhocas”), dispõem o contexto cultural de Santo Ângelo a Roma, a Atenas, ao Cairo e a Cidade do México: onde quer que se cave para erguer um prédio, uma padaria ou mesmo uma residência, é possível encontrar evidências arqueológicas missioneiras que foram mais valorizadas no passado do que são hoje - mas que dizem respeito a todos nós, não importa em que época vivamos.

Na mesma toada, são raras as sùmulas de pesquisas arqueológicas como um todo. O melhor exemplo é o manual obrigatório, Arqueologia Brasileira, de André Prous, leitura mandatória de qualquer pessoa que se interesse pelo tema no Brasil. Contudo, ainda mais raras são as compilações e sistematizações de pesquisas locais.

O que é apresentado pelos autores que nos escrevem não é apenas o resultado do seu esforço, mas o alinhamento de pesquisas arqueológicas em caráter municipal ocorridas desde 2007, quando da abertura do Núcleo de Arqueologia de Santo Ângelo, pela arqueóloga e colega Raquel Machado Rech, atual arqueóloga municipal de São Luís Gonzaga - em continuidade às pesquisas iniciadas por Giovanni Scaramella, o pioneiro das escavações arqueológicas na cidade. Vale lembrar a prudência do poder público municipal, através da lei número 2.299/1993, com a delimitação do Sítio Arqueológico do Povoado Missioneiro Santo Angel Custódio. Testemunho de uma época ainda vigente, em constante desafio contra o orgulho de ser ignorante, o abandono público e particular do patrimônio cultural, o uso de sua realidade em má fé, e o volume

de informações fornecido pelo alcance indistinto da internet, mascara a nossa história com aportes de outras realidades tão interessantes quanto.

Este livro demonstra que a arqueologia, disciplina responsável pela compreensão material do passado, entendimento físico do presente, e projeção embasada do futuro é um incremento das políticas públicas de curta, média e longa duração: como pode alguém que governa e/ou vota ignorar seu passado para entender o presente e projetar o futuro?

Mas, também diz respeito aos munícipes, missioneiros, gaúchos e brasileiros! Os 400 anos, que estamos celebrando neste ano, fazem convergir como um torvelinho de histórias o nosso passado, em nós mesmos. Orestes, Leandro e Felipe já escavaram, regularizaram e ergueram os alicerces arqueológicos santo-angelenses para o futuro no livro que tens em mãos (ou à vista). Desejamos que sejam os primeiros de várias outras Missões da Cultura que se realizem aqui, onde se rezamos os fatos e atos do passado em direção a uma segunda fase da pesquisa arqueológica nas Missões.

Filipi Pompeu

Chefe do Escritório Técnico do IPHAN nas Missões

INTRODUÇÃO

Este livro tem por objetivo apresentar a riqueza do patrimônio arqueológico do município de Santo Ângelo, RS. Este patrimônio, guardado na reserva técnica do Núcleo de Arqueologia do Museu Municipal Dr. José Olavo Machado, é constituído por 24.258 fragmentos de vestígios arqueológicos coletados em três décadas de pesquisas no centro histórico da sede do município. Nessa fase de nossa pesquisa, temos como foco a área denominada Quadrilátero Missioneiro, localizada no centro da sede municipal. Em fase subsequente apresentaremos o patrimônio arqueológico da área rural do município.

O Núcleo de Arqueologia do Museu Municipal Dr. José Olavo Machado é uma Instituição de Guarda e Pesquisa (IGP). Está localizado nas dependências do Museu Municipal Dr. José Olavo Machado e foi fundado em 2007 pela arqueóloga Raquel Machado Rech. Sua função é realizar pesquisas, vistorias e monitoramentos nos terrenos do Quadrilátero Missioneiro, onde obras são executadas. O Quadrilátero Missioneiro é uma área de aproximadamente 30 hectares localizada no centro da cidade de Santo Ângelo. Esta área é protegida pelo IPHAN porque, em seu subsolo, estão os vestígios da redução Jesuítico-Guarani de Santo Ângelo Custódio, que existiu na região entre 1707 e 1767.

A instituição tem como objetivo a pesquisa de todas as fases do rico passado municipal, mas com ênfase no período missioneiro do município, que foi sede da última redução Jesuítico-Guarani a ser construída. Sua fundação data de 1706, na área em que os rios Ijuí e Ijuizinho se encontram, mas, por motivos desconhecidos, as obras para a construção da igreja, ponto central de uma redução Jesuítico-Guarani, foram transferidas para a atual sede do município, mais precisamente na atual praça Pinheiro Machado.

Este livro se destina ao público amplo que aprecia a arqueologia e suas descobertas, a história missioneira e, não menos importante, a história dos períodos anteriores e posteriores à presença das Missões Jesuítico-Guarani no noroeste gaúcho. Tendo isso em mente, procuramos escrever com uma linguagem mais acessível, evitando termos técnicos que pudessem prejudicar a fluidez da leitura por não especialistas em arqueologia. Quando o uso de termos técnicos, se tornou imprescindível; nós os explicamos de forma simples, a fim de manter nosso objetivo de tornar as informações apresentadas acessíveis ao máximo possível de pessoas.

O que os leitores encontrarão neste livro é um conjunto de dados arqueológicos que permitem uma interpretação inicial do processo de urbanização do Quadrilátero Missioneiro. Neste sentido, trouxemos dados sobre materiais recentes, tais como objetos de plástico, que foram coletados nas três décadas de pesquisa arqueológica na área em análise. Entretanto, com a importância da celebração dos quatrocentos anos da chegada dos jesuítas no Rio Grande do Sul, a ênfase foi colocada nos vestígios arqueológicos do período missioneiro.

Em diversas ocasiões deste livro, o leitor encontrará momentos em que expressamos abertamente a inconclusão de várias de nossas análises. Isso acontece porque estamos no momento inicial de nossa pesquisa, que consiste não apenas em contar e classificar os fragmentos arqueológicos presentes em nossa reserva técnica, mas também em realizar intervenções arqueológicas em áreas dentro do Quadrilátero Missioneiro. No futuro, pretendemos publicar os resultados conclusivos destas análises, além de novas análises, cada vez mais detalhadas e metodologicamente mais precisas. Portanto, este livro não serve apenas como uma forma de exposição de nossos dados e de nossas interpretações iniciais, mas também como um direcionamento de nossa pesquisa para momentos subsequentes.

Por fim, é necessário destacar que este livro é fruto de dois anos de pesquisa na reserva técnica do NArq/MMJOM, realizada por uma equipe de apenas duas pessoas: o arqueólogo e o estagiário. Nos últimos meses, recebemos a valiosa ajuda do professor Leandro da Silva Zimmermann, que foi fundamental para a conclusão desta obra.

ARQUEOLOGIA: UMA CIÊNCIA DE FRAGMENTOS, LACUNAS, CONCENTRAÇÕES E AUSÊNCIAS

A pesquisa arqueológica está fundamentada na coleta e análise de fragmentos de cultura material, isto é, objetos e estruturas arquitetônicas que um dia foram feitos a fim de satisfazer alguma necessidade humana. É extremamente raro ser encontrado algo inteiro. De modo geral, o que os arqueólogos encontram em suas atividades de campo são fragmentos dos objetos e das estruturas arquitetônicas do passado. Infelizmente, a maioria dos achados está tão avariada, com diversos fragmentos faltando, que se torna impossível reconstruí-los integralmente. O que acontece no nível dos objetos e estruturas arquitetônicas individualmente, também ocorre no nível dos sítios arqueológicos, que são lugares de concentração de evidências da atividade humana no passado. Em outras palavras, há muitas lacunas que precisam ser preenchidas com procedimentos teórico-metodológicos sofisticados para que se possa ter uma compreensão dos sítios sendo pesquisados.

Esta situação também ocorre em Santo Ângelo. A reserva técnica do NArq/MMJOM possui uma enorme gama de fragmentos que um dia foram xícaras, pratos, ferramentas metálicas, vasilhames cerâmicos, alicerces de casas etc. Todos estes fragmentos nos ajudam a entender as diferentes etapas da história do município, mas também precisamos estar atentos às lacunas. Uma das lacunas que mais chamou a nossa atenção foi a baixíssima quantidade de fragmentos de objetos de couro presentes em nossa reserva técnica. Há apenas três fragmentos deste tipo de material em nossas dependências. Contudo, sabemos que o couro era um material muito usado desde a época missioneira. O fato de haver apenas três fragmentos de couro está relacionado com a baixa resistência deste material à passagem do tempo. De modo geral, com o passar dos séculos, a maior parte dos fragmentos de objetos e estruturas arquitetônicas que são encontradas nos sítios arqueológicos é constituída pelos materiais mais resistentes à passagem do tempo, tais como a pedra e a cerâmica.

O método que aplicamos para compreender a história do Quadrilátero Missioneiro de Santo Ângelo, a partir da cultura material guardada na reserva técnica do NArq/MMJOM, foi a de classificar os fragmentos em categorias que serão apresentadas adiante. Depois, realizamos uma contagem dos mesmos,

respeitando os códigos alfanuméricos que cada fragmento recebeu. Este código funciona como um localizador dos fragmentos, indicando a intervenção de onde eles são provenientes; ou seja, os lugares dentro do Quadrilátero Missioneiro de onde procedem. Após estes procedimentos, produzimos tabelas e gráficos usando o programa Excel, a fim de melhor visualizar as porcentagens que os fragmentos de cada categoria vestigial possuíam em cada uma das intervenções. Tal procedimento nos ajudou a formular uma interpretação inicial do conjunto material coletado em cada intervenção. Apresentamos esta interpretação inicial no capítulo 12, sob o título de *Síntese dos Dados e Brevíssima Interpretação Arqueológica*. Depois desse passo, elaboramos tanto uma tabela quanto um gráfico geral, onde apresentamos as quantificações e as porcentagens que cada categoria vestigial possui, a fim de termos uma visão mais ampla de concentrações e ausências de cada uma das categorias distribuídas pelo espaço dentro da área do Quadrilátero Missioneiro.

Todas as interpretações arqueológicas apresentadas neste livro são preliminares, pois diversos outros fatores ainda precisam ser analisados. Entre esses estão:

1. A correlação entre os vestígios arqueológicos coletados em cada intervenção com as informações contidas nos cadernos de campo, que são como um diário onde o(a) arqueólogo(a) responsável por cada escavação anota tudo aquilo que julga necessário para se realizar uma interpretação arqueológica. Ainda não tivemos tempo de fazer isso, o que faremos em etapa subsequente;
2. A devida correlação entre a “história” que a análise da cultura material nos conta com a análise dos documentos históricos dos períodos pesquisados e o “refinamento” trazido pela análise pormenorizada de cada uma das categorias vestigiais, isto é, uma análise mais detalhada de cada um dos diferentes tipos de vestígios.
3. Descobrir e analisar a correlação entre número de vestígios e seu peso, pois alguns vestígios são pequenos e leves, enquanto outros são grandes e pesados. A pesagem dos vestígios é algo que faremos em etapa posterior.

Portanto, estamos apenas na fase inicial de uma longa trajetória de pesquisa.

No capítulo 9 abordaremos o método aplicado na pesquisa com mais profundidade.

Capítulo 2

A RESERVA TÉCNICA DO NÚCLEO DE ARQUEOLOGIA DO MUSEU MUNICIPAL DR. JOSÉ OLAVO MACHADO: UMA “SALA DO TESOURO”

Poucas pessoas sabem, mas existe uma sala do tesouro em Santo Ângelo. Esse tesouro não é constituído por materiais economicamente valiosos. Lá não há ouro, nem prata, nem nada que deixe alguém rico. O tesouro que lá está guardado é constituído por vestígios materiais de episódios marcantes de nossa história. Esses vestígios não apenas são guardados com dedicação e zelo, mas também são analisados a fim de se obter conhecimento sobre a trajetória histórica de nossa comunidade. Sabemos que a população de Santo Ângelo é formada por pessoas de diversas origens étnicas, mas todas elas reconhecem que as Missões Jesuítico-Guarani constituem o fundamento de nosso território comum e que muita coisa de nosso modo-de-ser é proveniente da incrível experiência de convívio dos povos indígenas, principalmente os Guarani, com os padres da ordem da Companhia de Jesus.

No entanto, a “sala do tesouro” não guarda apenas os fragmentos do que um dia foram partes das edificações e dos objetos usados na época missioneira. Lá, também estão fragmentos de objetos que, talvez, antecedam a presença dos jesuítas na região, assim como os vestígios arqueológicos de épocas posteriores à existência da redução de Santo Ângelo Custódio. Portanto, na “sala do tesouro”, estão guardados os elementos materiais que nos permitem ter uma ideia da evolução histórica do território em que vivemos, o que é de suma importância para o planejamento de nossa história futura.

Este livro traz os dados relativos ao “censo” que a equipe do Núcleo de Arqueologia do Museu Municipal Dr. José Olavo Machado realizou desse tesouro. Nesse “censo”, os vestígios foram classificados, contabilizados e analisados a fim de que a população santo-angelense, assim como qualquer pessoa interessada em arqueologia de qualquer procedência, tenha ciência do que está guardado em nossa reserva técnica. Nesse sentido, este livro é um trabalho de extroversão de nossas atividades, que são fundamentais para o devido processo de guarda da nossa memória coletiva.

A pior coisa que pode acontecer a um museu e à sua correspondente reserva técnica é se tornarem meros depósitos de coisas velhas. Isso acontece quando os objetos e fragmentos de objetos lá guardados não são devidamente estudados. O ato de apenas expor as peças mais bonitas para o público não é o suficiente. É preciso dar atenção a todos os objetos e fragmentos de objetos guardados longe dos olhares do público para se ter uma compreensão mais abrangente da história de um determinado lugar. A equipe do NArq/MMJOM tem um lema a este respeito:

“Museus são lugares para se ter ideias novas a partir de coisas velhas.”

Nessa perspectiva, coisas velhas não são coisas inúteis, mas coisas a partir das quais podemos ter uma compreensão mais profunda do nosso passado, do nosso presente e, a partir desta compreensão, planejarmos melhor o futuro.

UM POUCO DE TEORIA ARQUEOLÓGICA

O objetivo deste capítulo é apresentar, de forma sucinta, a teoria arqueológica que dá embasamento às nossas atividades. A teoria utilizada é o fator mais importante numa pesquisa arqueológica, pois ela funciona como a “cola” que vai unir os fragmentos dispersos. Sem essa “cola”, a pesquisa arqueológica se torna mero colecionismo sem nenhum fundamento científico. Todavia, como este livro é apenas uma apresentação dos dados obtidos através da análise do material contido em nossa reserva técnica e um esboço de uma interpretação inicial deste material e não um livro científico, o que faremos é uma breve explicação de nossa base teórica.

A interpretação arqueológica só é possível a partir da aplicação de um aporte teórico a um determinado conjunto de evidências, que, posteriormente, são transformadas em dados. Portanto, é dever do pesquisador explicitar a teoria sendo usada em suas interpretações do registro arqueológico que estuda. Infelizmente, como demonstrado pelo arqueólogo José Alberione dos Reis (2010), esta não tem sido uma prática muito comum na arqueologia brasileira que, em muitos casos, trabalha com teorias *implícitas*, ou seja, teorias não devidamente explicadas e nomeadas. Nesse sentido, a fim de evitarmos o uso de implícitos na elaboração e consequente execução de nossa pesquisa, apresentamos abaixo a teoria na qual nos embasamos.

Nosso projeto de pesquisa foi construído sob a perspectiva da arqueologia contextual proposta pelo arqueólogo britânico Ian Hodder em 1987, que considera a importância de se analisar as evidências arqueológicas em seus contextos específicos, a fim de gerar interpretações dos significados culturais do registro arqueológico em análise. Um dos pontos enfatizados é o de que

[...] a cultura material não é um mero reflexo da adaptação ecológica ou da organização sociopolítica; também constitui um elemento ativo nas relações entre grupos, elemento que tanto pode ser usado para disfarçar relações sociais como para as refletir (TRIGGER, 2004, p. 343)

Nesse sentido, os artefatos produzidos nas Missões Jesuítico-Guarani dos séculos XVII e XVIII, assim como as construções relacionadas a esses artefatos, devem ser interpretados levando em consideração os fatores ideológicos presentes na época, tanto no que concerne aos conflitos sociais existentes quanto às tentativas de se criar coesão social através da cultura

material. Com isso em mente, pretendemos analisar o binômio coesão/conflito social através da cultura material, não apenas do período missioneiro, mas também dos períodos anteriores e posteriores, abordando questões tais como as relações entre elites/subalternizados; interesses masculinos e femininos; adaptações e resistências dos Guarani ao processo de evangelização etc.

Outro pilar da arqueologia contextual é o da necessidade de se analisar cada artefato levando em consideração o seu contexto cultural mais amplo, evitando a fragmentação do registro arqueológico de uma determinada época e lugar. Desta forma, o estudo de um pequeno número de sítios não é capaz de gerar uma compreensão das culturas sendo pesquisadas, pois revela apenas uma parcela insignificante de uma realidade social complexa.

Em nossa pesquisa, partimos do princípio de que os artefatos possuem significados culturais cambiantes através do tempo e do espaço, assim como para quem os observa. Em outras palavras, cada artefato possuía um significado cultural no momento em que foi produzido e utilizado, e um outro no momento em que foi descoberto pela pesquisa arqueológica e, posteriormente, musealizado. Portanto, uma das formas de se analisar cada artefato é observar os câmbios de significação pelos quais ele passou, possibilitando uma maior compreensão, tanto dos diversos papéis sociais ativos que ele possuía no passado, quanto os que ele possui no presente.

Um ponto importante que destacamos é que compreendemos o registro arqueológico de Santo Ângelo como um palimpsesto; isto é, elementos construtivos, utilitários, alimentícios etc. que, em grande medida, foram reaproveitados em novas construções, principalmente sob a forma de entulho com fins de nivelamento de terreno, passando a servir em diferentes contextos sociais que se sucederam ou que coexistiram através do tempo. Sendo assim, buscamos compreender como as estruturas e os artefatos foram utilizados em seus respectivos contextos sociais, assim como as “recontextualizações” que sofreram através do tempo. Contudo, é preciso salientar que um mesmo contexto social pode ser lido de diferentes maneiras a partir do ponto de vista pelo qual é observado. Nesse sentido, apresentamos dois conceitos que estão presentes em nossas análises:

- **Polifonia**, entendida como o abandono de uma interpretação arqueológica pautada sobre os vestígios das elites, sejam elas representadas pelos jesuítas, entendidos como elite dirigente das Missões, ou pelos proprietários de terras no decorrer do processo de repovoamento de Santo Ângelo, a partir de meados do século XIX. Em outros termos, pretendemos dar visibilidade aos subalternizados: os Guarani missionados, as pessoas

provenientes da diáspora africana, os empregados das fazendas, os proletários etc., cujas histórias são muitas vezes “apagadas” através de interpretações arqueológicas focadas apenas em questões identitárias que não chegam a abarcar os conflitos sociais existentes em cada época. Portanto, pretendemos problematizar as identidades, trazendo os aspectos ideológicos que denunciam processos de exploração e exclusão social.

- **Polissemia**, entendida como a possibilidade de mais de uma interpretação arqueológica de um mesmo conjunto artefactual, por sua natureza polissêmica, onde diferentes agentes, acadêmicos ou não, e a partir de diferentes abordagens, interpretam o registro arqueológico de formas variadas. Constroem, assim, narrativas que enfatizam determinados eventos ao mesmo tempo que obscurecem outros, considerados como de menor importância.

A proposta científica do nosso programa de pesquisa arqueológica é o de uma *arqueologia interpretativa* que, embora possa utilizar de alguns procedimentos descritivo-classificatórios, não os tem como uma finalidade em si. Nesse sentido, a *interpretação* das relações sociais existentes na redução Jesuítico-Guarani de Santo Ângelo Custódio e dos contextos sociais dos períodos anteriores e posteriores à época missioneira, assim como a *interpretação* de como a sociedade atual lida com os vestígios arqueológicos dessas épocas, têm procedência sobre qualquer procedimento descritivo-classificatório. Nessa perspectiva, embora reconheçamos a importância dos estudos descritivos-classificatórios, que proporcionaram à arqueologia brasileira um relevante levantamento de sítios arqueológicos em todo o território nacional e uma primeira forma de entendimento do registro arqueológico em nosso país. Assim como reconhecemos os esforços histórico-culturais empregados por diversos pesquisadores que escreveram relevantes trabalhos sobre a arqueologia missioneira, nossa proposta difere dessas formas de atuação e, portanto, usa de uma nomenclatura diferente, não tendo como objetivo a classificação dos vestígios a serem interpretados em tradições, subtradições, fases, séries etc. Quando usados por nós, esses termos apenas remetem aos estudos anteriores, mas jamais aos nossos objetivos.

No decorrer deste livro o leitor encontrará diversos gráficos e tabelas que expressam alguns critérios descritivos-classificatórios. Isso acontece porque estamos nos primeiros passos de nossa pesquisa. Estes gráficos e tabelas são fundamentais para *começarmos* a entender o sítio arqueológico da redução Jesuítico-Guarani de Santo Ângelo Custódio de maneira contextual. O mesmo procedimento serve para a compreensão dos demais períodos da

história de Santo Ângelo. Portanto, nosso objetivo final é *interpretativo*. Em outras palavras, os gráficos e tabelas representam um meio para se atingir um fim, mas não o fim em si.

Outro aspecto importante é o de que trabalhamos com a ideia do arqueólogo britânico Chris Gosden, de que os objetos possuem capacidade de agência e que expressam esta capacidade através da formação de pessoas. Em outros termos, da mesma forma que pessoas formam objetos, os objetos formam pessoas. Nas palavras de Gosden (2005, p. 193):

Há um número de linhas de pensamento dentro da arqueologia e fora dela que exploram os efeitos que as coisas têm sobre as pessoas e eu gostaria de usar estas linhas para começar a pensar a respeito das obrigações que os objetos colocam sobre nós quando eles estão operando como um grupo¹.

A afirmação de Gosden possui mais força quando analisamos os espaços construídos, tal como é o caso do Quadrilátero Missioneiro. A ideia central do nosso fundamento teórico é o de que um artefato arqueológico, ou mesmo um fragmento de um artefato, é um ponto onde se materializa um amplo conjunto de relações sociais e ecológicas e, por isso, sua análise só faz sentido quando se leva em consideração seus aspectos relacionais. Em outras palavras, a análise de um artefato isolado diz pouca coisa, mas a análise das múltiplas relações entre diversos artefatos e seus meios sociais e ecológicos revela importantes aspectos das organizações sociais e da ecologia de diferentes épocas e lugares. Nesse sentido, a análise de conjuntos artefatuais relacionados é mais importante que a análise de artefatos isolados. Tal proposição está mais interessada no estudo do “entre”; isto é, da relação entre os diversos fragmentos e dos locais onde foram encontrados, do que no do “ente”, isto é, dos fragmentos em si (MARRAS, 2018).

Outro aspecto teórico relevante é o de que consideramos o espaço em análise que, nesta primeira fase de nossa pesquisa se restringe ao Quadrilátero Missioneiro, como um antroma.

Antroma é um conceito interdisciplinar desenvolvido pelo cientista ambiental Earle C. Ellis e pelo geógrafo Navin Ramankutty, que o elaboraram para designar os espaços majoritariamente criados pelos e para os seres humanos através da interação das atividades humanas com os espaços naturais ao longo do tempo (<http://ecotope.org/anthromes/faq/>). A ideia de antroma se contrapõe à ideia de bioma. Esse último é entendido como algo natural, que não sofreu a interferência humana em sua composição. Já o antroma

1 Tradução livre do trecho original: There are a number of strands of thought within archaeology and outside which explore the effects that things have on people and I would like to use these to start thinking about the obligations objects place upon us when they are operating as a group.

é algo construído pelos seres humanos através da interação destes com os espaços naturais. A questão dos antropomas, se sobrepondo aos biomas, pode ser melhor compreendida através da citação a seguir:

Biomas são as unidades mais básicas que ecólogos usam para descrever padrões globais de forma, processo e Biodiversidade ecossistêmica. Historicamente, biomas têm sido identificados e mapeados baseando-se em diferenças gerais nos tipos de vegetação associados com as variações climáticas regionais (Udvardy 1975; Matthews 1983; Prentice *et al.* 1992; Olson *et al.* 2001; Bailey 2004). Agora que os humanos têm reestruturado a biosfera terrestre para agricultura, silvicultura e outros usos, padrões globais de composição e abundância de espécies, produtividade primária, hidrologia superficial, ciclos biogeoquímicos do carbono, nitrogênio e fósforo têm sido substancialmente alterados (Matson *et al.* 1997; Vitousek *et al.* 1997; Foley *et al.* 2005). **De fato, estudos recentes indicam que ecossistemas dominados por humanos agora cobrem mais espaço da superfície terrestre do que os ecossistemas “selvagens”.** (ELLIS & RAMANKUTTY, 2008, p. 439. Grifos nossos).

Nossa escolha por considerar a área do Quadrilátero Missioneiro como um antropoma se deve ao fato de que a compreensão do conjunto de intensas transformações ambientais nessa área não é apenas útil para a pesquisa arqueológica. Isso porque revela projetos políticos de conversão da paisagem natural em espaço geográfico economicamente relevante, mas também para a elaboração de políticas públicas de urbanização num mundo em rápida transição ecológica.

Por fim, o aporte teórico no qual nos embasamos, de forma alguma nos prende a uma visão definitiva e enclausurada do passado de Santo Ângelo através da análise da cultura material. Apenas fornece os elementos conceituais e metodológicos que utilizamos em nossas atividades de campo e laboratório. Com o andamento de nossas pesquisas, novos conceitos, provenientes da arqueologia ou de outras disciplinas podem se unir aos já existentes, confirmando ou alterando as hipóteses que criamos.

SANTO ÂNGELO ANTES DA CHEGADA DOS JESUÍTAS: UMA BREVÍSSIMA APRESENTAÇÃO DA HISTÓRIA PRÉ-COLONIAL DO RIO GRANDE DO SUL

É amplamente aceito pela comunidade arqueológica que a América do Sul foi o penúltimo continente a ser povoado pelos seres humanos, ficando apenas à frente da Antártica, onde a presença humana só começou a acontecer a partir de 1820. Entretanto, não existe consenso sobre quando se deu a chegada dos primeiros grupos humanos ao continente, nem quais foram seus pontos de origem, rotas migratórias e os meios utilizados para se chegar até aqui. Neste livro, não entraremos nesse debate acadêmico polêmico, mesmo porque nosso objetivo é mais localizado – o município de Santo Ângelo – no noroeste gaúcho, mais precisamente o centro histórico da sede municipal, aqui denominado de Quadrilátero Missioneiro.



Figura 1. Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Localizacao-da-Regiao-Noroeste-do-Rio-Grande-do-Sul_fig1_228451685.

De acordo com a literatura arqueológica, o povoamento do território que hoje chamamos de Rio Grande do Sul teve início no final do Pleistoceno, por volta de 12.700 anos antes do presente. Essa primeira onda de povoamento foi protagonizada por povos caçadores-coletores cujos artefatos foram classificados como pertencentes ao que o arqueólogo Eurico Theofilo Miller classificou como fase Ibicuí, caracterizada pela ausência de pontas-de-projétil. Mais tarde, por volta de 10.400 anos antes do presente, uma nova fase, denominada pelo mesmo arqueólogo de Uruguai, continha pontas-de-projétil. As paisagens escolhidas pelos povos destes fluxos iniciais de povoamento foram os campos que margeiam o rio Uruguai e rios adjacentes, como o Ibicuí, no quadrante sudoeste do estado (SCHMITZ, 1981b).

Infelizmente, não sabemos como eles se autodenominavam e que língua falavam. Isso, porque nenhum vestígio que nos permita fazer inferências a respeito desses temas sobreviveu à passagem do tempo, mas sabemos que eles enfrentaram condições climáticas cambiantes. Isso porque o período em que viveram foi caracterizado pela transição entre o Pleistoceno, com seu clima mais frio e seco que o atual, o que favorecia uma vegetação de tipo campestre e savana, habitada por animais de grande porte, aos quais denominamos de megafauna, hoje extinta; e o Holoceno, com seu clima semelhante ao atual, que favorece uma vegetação de tipo florestal, habitada por animais de porte menor e representados pela fauna nativa de nossos dias.

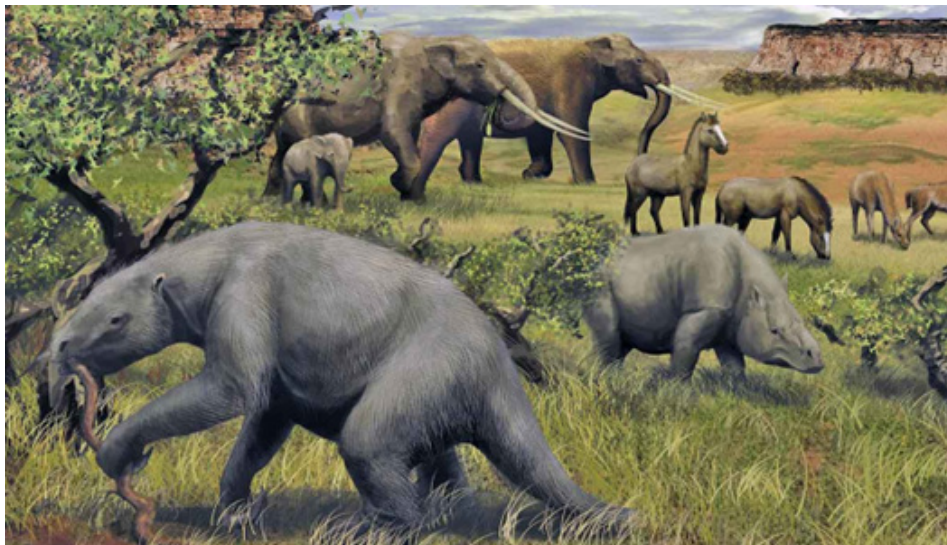


Figura 2. Megafauna pleistocênica. Fonte: <https://www.thecollector.com/early-peoples-latin-america-interacted-megafauna/>.

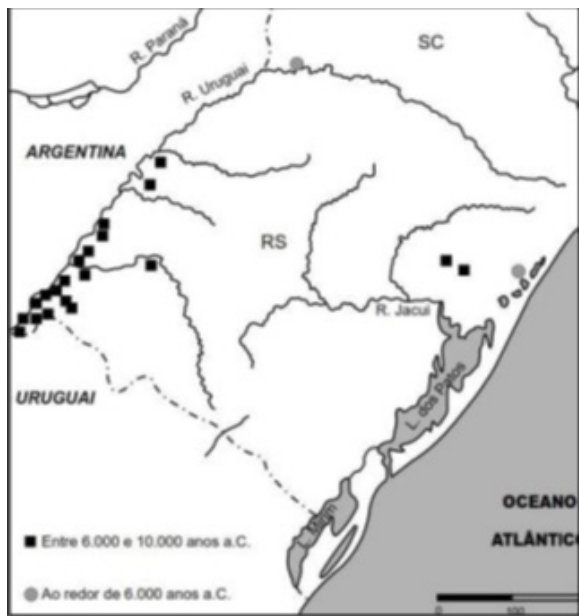


Figura 3. Sítios arqueológicos da tradição Umbu. Fonte: SCHIMTZ, 2006.

Ao conjunto destas duas fases iniciais se dá o nome de tradição lítica Umbu. Depois dos povos relacionados a esta tradição lítica, uma nova onda de povoamento se estabeleceu nas áreas florestadas no norte do estado. Estes povos trouxeram o que se denomina de tradição lítica Humaitá, caracterizada por instrumentos maciços confeccionados sobre uma massa central constituída por blocos ou seixos. Até o presente momento, não foram encontradas pontas de projétil relacionadas a esta tradição, que possui como seus instrumentos mais conhecidos aqueles com forma de bumerangue, também conhecidos como bumerangoides. Entretanto, não há unanimidade entre os arqueólogos sobre a tradição Humaitá ser fruto de uma nova leva migratória ou sobre ela ser somente um conjunto artefactual diferenciado usado por povos da tradição Umbu, a fim de lidarem com questões ambientais específicas das áreas florestadas (NOELLI, 1999/2000).



Figura 4. Material lítico da tradição Umbu. Fonte: Prous, 1992.



Figura 5. Material lítico da tradição Humaitá. Fonte: Schmitz, 2006a.

Os povos dessas “duas tradições” coexistiram por milênios, cada um em seu compartimento ambiental preferido, até a chegada de outros povoadores dotados de tecnologia cerâmica. Entre os primeiros desses povoadores estão aqueles relacionados à tradição cerâmica Taquara-Itararé, cujos vasilhames eram pequenos e de paredes finas, com decoração ponteadas, incisa ou unglada. Os povos dessa tradição estão relacionados aos atuais povos Jê meridionais tais como os Kaingang e os Laklânô-Xoclong. Outra característica importante dessa tradição são as casas semi-subterrâneas e demais exemplos de engenharia de terra (CORTELETTI, 2012).

Posteriormente, povos classificados como pertencentes à tradição cerâmica Tupiguarani, caracterizada por vasilhames de diversas formas e dimensões, inclusive por alguns usados como urna funerária, espalharam-se pelo território gaúcho, entrando em contato com as populações mais antigas e as expulsando ou as incorporando às suas culturas. Essa tradição cerâmica está relacionada aos atuais Guarani e sua chegada à região é datada dos primeiros séculos da era cristã (SCHMITZ, 1981a).

Além desses povos, outras populações ameríndias ocuparam áreas mais meridionais dentro do estado. Entre elas, se destacam os Charrua e Minuano, que desenvolveram culturas adaptadas às condições ecológicas típicas dos campos abertos dos pampas. Os cerritos, montes produzidos através de um processo de engenharia de terra e existentes no quadrante sudeste do Rio Grande do Sul, são evidências de um processo de adaptação a uma paisagem que sofria inundações esporádicas e que, ainda hoje, servem de refúgio ao gado, quando as águas sobem e alagam os campos em derredor. Em hipótese, os Charrua e Minuano estão relacionados à tradição cerâmica Vieira, caracterizada por vasilhames de pequenas dimensões.

Com a chegada dos colonizadores ibéricos entre os séculos XVII e XVIII, os povos indígenas da região sofreram, além da perda territorial, um processo de incorporação às sociedades coloniais. A resistência a estes processos tomou diversas formas, desde conflitos armados até a absorção de elementos culturais dos invasores ibéricos. Como evidência material dessa absorção, pode-se apontar a transição das formas de confecção e decoração cerâmicas, passando da série Ijuí, de características nativas para a série Missões, que já possuem características europeias (BROCHADO, LAZZAROTTO, STEINMETZ, 1969). Além das inovações na cerâmica, os ancestrais dos atuais Guarani começaram a ter contato com os artefatos metálicos, primeiramente trazidos pelos colonizadores e, posteriormente, produzidos nas próprias reduções (CARLE, 1993).

O importante a ressaltar, nesse brevíssimo resumo da história pré-colonial do Rio Grande do Sul, é a diversidade de suas populações. Ainda há muito a ser descoberto sobre esse extenso período de nossa trajetória histórica. Diversas pesquisas, tanto da arqueologia acadêmica quanto da arqueologia feita por contrato para a mitigação de danos ao patrimônio arqueológico, estão sendo realizadas para sanar as muitas dúvidas que ainda temos a respeito da vida das pessoas que aqui habitavam antes da chegada dos colonizadores.

BREVE HISTÓRIA DAS REDUÇÕES JESUÍTICO-GUARANI E DO PROCESSO DE REPOVOAMENTO DA ÁREA DO QUADRILÁTERO MISSIONEIRO

O município de Santo Ângelo possui uma história que se enraíza no período missioneiro, que constitui, por assim dizer, seu fundamento. De acordo com Mário Simon (2007), os fundadores da Redução de Santo Ângelo Custódio, que formavam um numeroso grupo de 2.879 pessoas, teriam origem em Concepción de la Sierra (Argentina) e teriam, primeiramente, se estabelecido na foz do rio Ijuizinho, que deságua no rio Ijuí em 1706. Entretanto, por motivos desconhecidos, houve a necessidade de transferir a redução para o local atualmente ocupado pela praça Pinheiro Machado, no centro de Santo Ângelo, em 1707. Ali, os vestígios arqueológicos dos alicerces da igreja missioneira podem ser visualizados através das janelas arqueológicas implementadas pela arqueóloga Raquel Machado Rech.

Última redução a ser construída, Santo Ângelo Custodio é também o mais oriental dos sete povos que constituem o segundo ciclo missioneiro (1682 – 1756). De acordo com José Otávio Catafesto de Souza (2007), o ápice populacional da redução se deu no ano de 1753, ocasião em que reunia 5417 habitantes, em sua grande maioria pertencentes à etnia Guarani. Também contava com pessoas de outras etnias ameríndias, tais como Minuano, Guenoa e Buane. Sua fundação esteve a cargo do padre jesuíta Diogo Haze.

Com o início das atividades econômicas, a redução de Santo Ângelo Custódio se destacou na produção e beneficiamento da erva-mate e do algodão, além da criação de gado. Entretanto, o maior destaque era a produção de arte sacra, principalmente esculturas e pinturas religiosas. Felix Azara (1873) assevera que:

[...] ter o povo (da redução de Santo Ângelo Custódio) de particular uma multidão admirável de estátuas, que encerra seu templo [...]. E uma plêiade notável de índios consagrados à pintura e à escultura.

No entanto, tal patrimônio de arte sacra foi transferido, ou possivelmente saqueado; e, posteriormente, tendo sido incorporado a coleções museológicas em lugares distantes de Santo Ângelo, tais como o Museu Júlio de Castilhos, em Porto Alegre (PIPPI, 2007).



Figura 6. Os Trinta Povos Missioneiros.

Quanto ao seu traçado urbanístico, a Redução de Santo Ângelo Custódio segue o padrão das demais reduções. A extensa praça central, que era utilizada para grande variedade de objetivos, tais como desfiles e jogos, era o local para onde convergia a vida social, assim como as principais ruas. De modo geral, nas reduções jesuíticas do segundo ciclo missioneiro, as igrejas eram de proporções monumentais e ocupavam o lado sul ou o norte da praça. Em Santo Ângelo a igreja foi construída ao norte da praça, tendo sua abertura voltada para o sul. Se levarmos em consideração que a redução, foco de nossa pesquisa, seguia, em linhas gerais, o mesmo esquema funcional das demais reduções, o quadro gerado é o de que, ao lado esquerdo (leste) da igreja ficavam edifícios públicos tais como a residência dos padres, a escola, a sala de música e a sala de armas, que circundavam um pátio. À esquerda deste primeiro complexo, havia um outro, também circundando um pátio. Neste segundo complexo, se situavam armazéns e oficinas. Do lado direito (oeste) da igreja havia o cemitério. Atrás deste conjunto de edifícios e do cemitério, ficavam a horta e o pomar. O cabildo, que estava relacionado à administração

da Redução, se localizava à esquerda da igreja, onde hoje se faz presente a farmácia Licht.

A arqueóloga Raquel Machado Rech (2010) traz um interessante resumo sobre o desenho urbanístico da Redução de Santo Ângelo.

O mais novo dos Trinta Povos reproduzia a constituição urbanística preconizada nas demais reduções, tendo seu núcleo urbano concentrado ao redor de sua praça central, rodeada no seu entorno Norte pelo complexo do cemitério, igreja, pátio do colégio, pátio das oficinas e quinta, sendo os demais lados da praça circundados por casas de índios, capelas, cabildo e Cotriguaçu, além de outras instalações periféricas. Suas edificações mais imponentes e centrais foram construídas com as rochas predominantes na geologia local – basalto, itacuru e arenito grés – porém construções mais simples feitas em taipa e pilares de madeira também foram erguidas na redução, como identificado nas áreas de casas de índios mais periféricas.



Figura 7. Representação artística da redução Jesuítico-Guarani de Santo Ângelo.

Pelo Tratado de Madri (1750), a região dos Sete Povos foi transferida para o domínio português em troca da região da Colônia do Sacramento (no atual Uruguai), que passou para o domínio espanhol. Isso não foi aceito por parte significativa dos Guarani missionados, que organizaram uma resistência aos mandos das duas potências coloniais envolvidas para que transferissem

suas localizações para a margem ocidental do rio Uruguai, o que culminou na Guerra Guaranítica (1753 – 1756) e no conseqüente extermínio de milhares de indígenas e na expulsão de grande contingente dos sobreviventes. Papel de destaque é dado ao alferes Sepé Tiaraju, que foi um dos organizadores da resistência Guarani-missioneira e que ainda hoje é celebrado como um personagem semimístico na região das Missões.



Figura 8. Representação artística do frontispício da igreja da redução de Santo Ângelo.

Ao término da Guerra Guaranítica, as igrejas, os pomares, os ervais e as estâncias de criação de gado foram incendiadas ou danificadas pelos próprios Guarani missionados, que, num último ato de resistência, se recusaram a entregar o produto de seus esforços de longos anos para os portugueses, que seriam, a partir de então, os donos daquelas terras. O que as tropas luso-espanholas encontraram foram ruínas fumegantes, mas, ainda, em boa parte preservadas.

A partir destes eventos, acontece a derrocada do projeto Jesuítico-Guarani, cujas terras, após breve intervalo, passam para o controle de sesmeiros paulistas e curitibanos. Alguns anos mais tarde, por volta de 1830, levas de imigrantes europeus chegam à região, a fim de povoá-la, ajudando a formar o palimpsesto étnico-cultural que se observa atualmente. Neste ínterim, os povoadores, que viviam próximos à área da redução jesuítica, utilizam suas pedras para construir suas casas, ocasionando a deterioração das ruínas.

Em 1873, se dá o processo de emancipação de Santo Ângelo, que até então era um distrito de Cruz Alta.

No decorrer do século XX, a cidade se desenvolve, vindo a se tornar uma das mais importantes do noroeste gaúcho. É nesse cenário que surge a coluna Prestes, que, partindo de Santo Ângelo, produziria um dos mais épicos episódios da história brasileira no século XX.

Um fato que chama a atenção é que o processo de desmonte da ruína da igreja jesuítica contou com o incentivo do poder público que, no início do século XX, não compreendia serem os vestígios da redução de Santo Ângelo uma fonte de conhecimento sobre um episódio de grande importância histórica, mas apenas uma fonte de material construtivo para as novas edificações que então estavam surgindo. Em 1905, o coronel Bráulio Oliveira, que, então, ocupava o cargo de intendente, demandou, através de lei orçamentária, que as pedras e tijolos da antiga igreja Jesuítica fossem utilizadas para a construção de muros e calçadas externas dos edifícios municipais.

O desenvolvimento econômico de meados do século XX faz a população atingir o patamar de 90 mil habitantes. No entanto, as décadas de prosperidade foram interrompidas, provocando a emigração de milhares de moradores.

Um aspecto importante da história local é o da mudança ocorrida em relação aos remanescentes da redução jesuítica localizada no centro da sede do município. O Antropólogo José Otávio Catafesto de Souza, no artigo *Santo Ângelo: Custódia do “Patrimônio Missioneiro” e Conflitos de Identidade Étnica na “Capital” dos Sete Povos*, destaca que, com o repovoamento da região por brasileiros de origem lusitana, havia o esforço de “apagar” o passado Jesuítico-Guarani da região. No entanto, com o passar do tempo e a verificação de que o passado Jesuítico-Guarani poderia ser rentoso em diversos aspectos, houve a reincorporação desse passado às narrativas históricas que circulavam pela cidade. Em nossos dias, o passado Jesuítico-Guarani é o cerne das atividades museológicas locais, mostrando que a arqueologia e a história, assim como outras disciplinas que intentam estudar as sociedades humanas, são campos de negociação e conflito entre ideologias diversas, que tentam “exaltar” e/ou “apagar” alguns eventos considerados como sendo mais ou menos importantes conforme a perspectiva de quem está realizando o estudo.

O QUADRILÁTERO MISSIONEIRO

O Quadrilátero Missioneiro é uma área de aproximadamente 30 hectares, localizada no centro histórico de Santo Ângelo. Seus limites são:

- A norte: rua sete de setembro
- A leste: avenida Marechal Floriano
- A oeste: rua XV de novembro
- A sul: avenida Rio Grande do Sul.

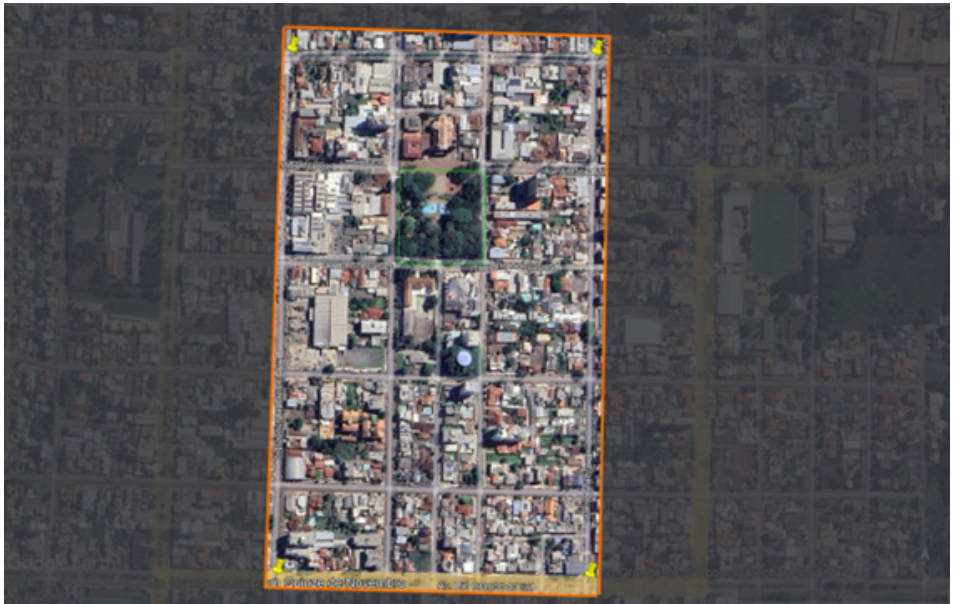


Figura 9. Limites da área protegida.

Mapa do quadrilátero

Esse quadrilátero mede 720 metros, de norte a sul e 425 metros, de leste a oeste, formando uma área de 306.000 metros quadrados, o que equivale a poucos mais de 30 hectares. É uma área protegida pelo IPHAN devido ao fato de que nela se desenvolveu a redução Jesuítico-Guarani de Santo Ângelo Custódio no século XVIII. Como se trata de área protegida, toda obra que

envolva revolvimento do solo que nela se realiza deve ser antecedida por pesquisa arqueológica.

Na imagem abaixo, sobreposimos o mapa feito pelo cartógrafo José Maria Cabrer em 1784 com o mapa atual do Quadrilátero Missioneiro.



Figura 10. Sobreposição da planta de Cabrer com o atual centro da cidade.

O atual programa de pesquisa arqueológica foi desenvolvido por ordem do IPHAN, que demandou a ampliação da área de abrangência para todo o território municipal, mas com ênfase no Centro Histórico do Município. Dessa forma, o “território de pesquisa” do NArq/MMJOM é bem mais amplo. Entretanto, devido a fatores tais como o tamanho reduzido de nossa equipe, a demanda de acompanhamento de obras no Quadrilátero Missioneiro e, principalmente, ao pouco tempo que tivemos do início das atividades até o presente momento, nossa única ação fora dos limites do Quadrilátero Missioneiro foi a de prospecção em busca de evidências arqueológicas num arroio chamado Tchungun, localizado na área urbana do município, mas fora da área abrangida neste livro.

BREVE HISTÓRICO DA PESQUISA ARQUEOLÓGICA EM SANTO ÂNGELO

Antes do início de programas de pesquisas arqueológicas realizados por iniciativa da Prefeitura Municipal de Santo Ângelo. Para ter uma melhor gerência sobre seu patrimônio arqueológico, várias pesquisas pontuais já foram realizadas por diferentes arqueólogos (as) desde o final da década de 60, tanto na zona urbana quanto na zona rural.

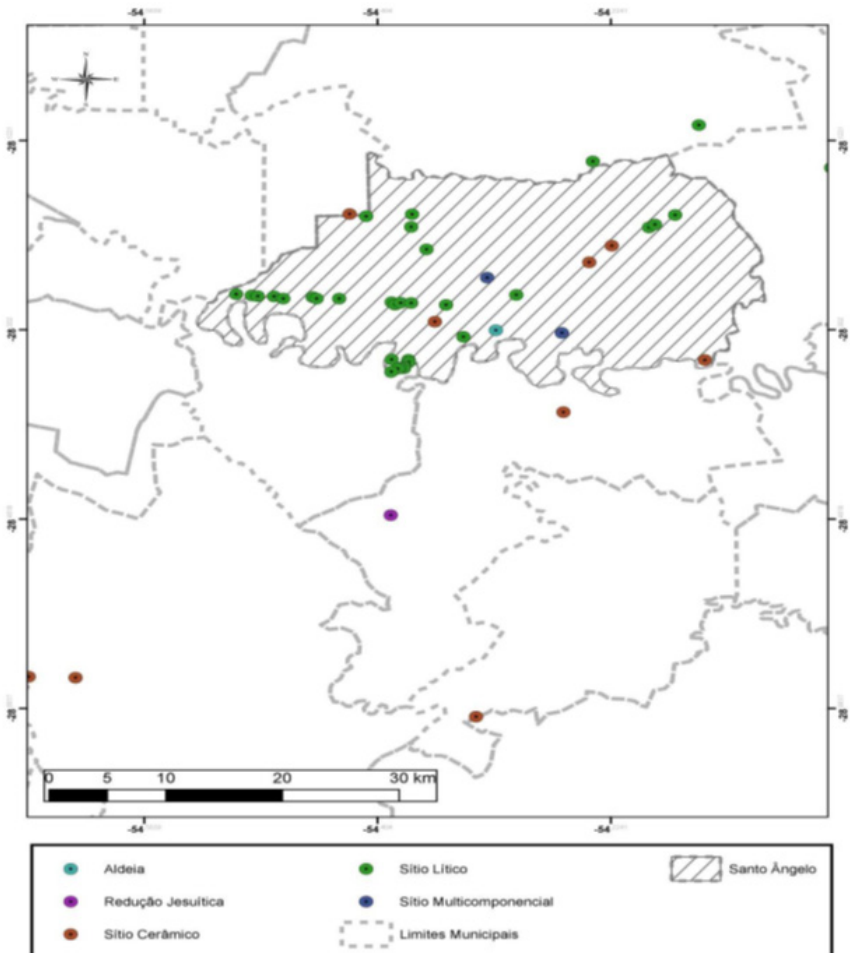
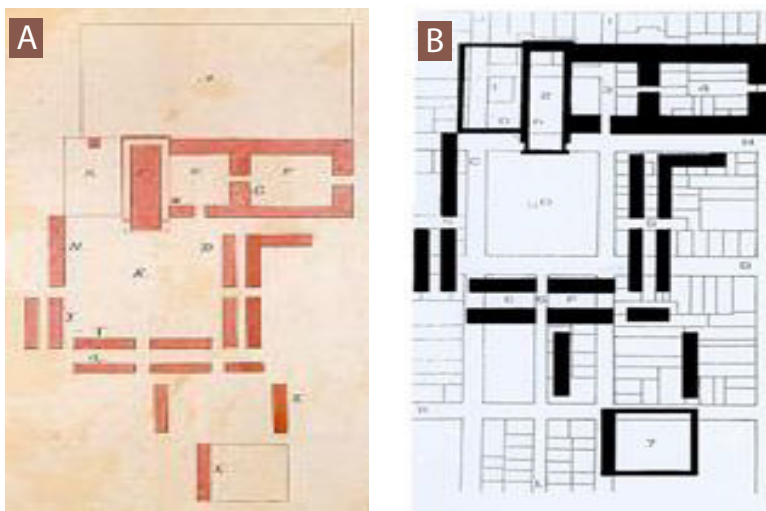


Figura 11. Localização dos sítios arqueológicos na área municipal (CAINO, 2015).

Santo Ângelo já foi alvo de diferentes pesquisas arqueológicas pontuais – tanto acadêmicas como de licenciamento ambiental – que já levaram à identificação de dezenas de sítios arqueológicos, pré-históricos e históricos, distribuídos por toda a extensão territorial do município, destacando-se nessa trajetória nomes de arqueólogos como José Proença Brochado, Giovanni Scaramella, Cláudio Carle, Gislene Monticeli, Saul Milder, Sérgio Klamt, André Soares, Juliano Campos e Raquel Rech. Deste então, já foram identificados 44 sítios arqueológicos – pré-históricos e históricos – em toda a extensão territorial do município.

Entre os anos de 1990 e 1993, o professor e arqueólogo Giovanni Scaramella, realizou a sobreposição do mapa feito por José Maria Cabrer (engenheiro e cartógrafo espanhol) de 1784, da redução de San Angel Custódio, sobre o atual traçado do centro histórico do município onde se localiza a Catedral Angelopolitana. Com a observação dessa sobreposição, pôde identificar locais com possíveis estruturas do antigo povoado jesuítico.



Figuras 12 e 13. Plantas utilizadas nas pesquisas arqueológica em Santo Ângelo: a) Parte do “Plano del Pueblo de Santo Angel de las Misiones Guaranis” (CABRER, 1784); b) Sobreposição da planta do traçado da atual cidade de Santo Ângelo sobre a planta de Cabrer (SCARAMELLA, 1993).

A partir de 1993, em parceria com a URI, PUC e IPHAN e o Museu Municipal Dr. José Olavo Machado, e amparados pela lei municipal, foi realizada uma série de trabalhos. As primeiras pesquisas e intervenções arqueológicas de cunho científico foram realizadas neste mesmo ano, no pátio do Museu Municipal Dr. José Olavo Machado. Sob a coordenação do

arqueólogo Giovani Scaramella – URI, foram efetuadas sondagens para a identificação e localização de remanescentes da antiga Redução Jesuítica.

Foram abertos cinco setores sequenciais de 2 metros x 1 metro, no sentido Leste-Oeste. As escavações alcançaram, em média até 110 centímetros de profundidade, quando se alcançou o nível estéril, ou a ausência de material arqueológico. Dentre o material encontrado, pôde-se observar: cerâmica escovada, simples, vidrada, corrugada e com técnicas de manufatura roletada e torneada; fragmentos de vidro e louças; metais como pregos, dobradiças, facas, estruturas de combustão (fogueiras) que reuniam ossos, carvões e cerâmicas; alicerces e calçamentos de construções recentes.

Em escavações realizadas no ano de 1997, onde se localiza a loja Moto Peursi, pelo arqueólogo Cláudio Baptista Carle, foi descoberta uma estrutura que, na época, foi identificada como um **silo** ou **mini adega** missioneira. Demandou um mês de trabalhos com as equipes do IPHAN e funcionários da prefeitura.



Figura 14. Lote na rua Bento Gonçalves.



Figura 15. Loja Moto Peursi.

Em futuras escavações, a partir dos anos 2000, foram encontradas mais destas mesmas estruturas, que hoje sabe-se que são **bases para os esteios** das casas dos indígenas. Uma oficina de arqueologia promovida pelo Museu Municipal e pelo arqueólogo Cláudio Carle, que possibilitou o delineamento da área urbana que a antiga redução ocupava, bem como o encaminhamento de registro do referido sítio arqueológico ao IPHAN.

O sítio arqueológico de Santo Ângelo Custódio corresponde a uma área de aproximadamente 306.000 metros quadrados. Abrange o núcleo principal do antigo povoado missioneiro, que está localizado na parte central da cidade de Santo Ângelo em um retângulo correspondente a Av. Rio Grande do Sul (ao Sul), Rua Marechal Floriano (a Leste), Rua Sete de Setembro (ao Norte) e Rua Quinze de Novembro (a Oeste), tendo como referência mais central a praça Pinheiro Machado em frente à Catedral Angelopolitana.

No início de 2006 a Prefeitura Municipal de Santo Ângelo anunciou que haveria a reforma da praça Pinheiro Machado e do entorno da Catedral Angelopolitana, com um projeto urbanístico. Devido à importância histórica do sítio da antiga redução de Santo Ângelo Custódio, cujas ruínas situam-se no subsolo da área a ser remodelada, foi necessária a realização dos trabalhos arqueológicos, para atender a lei federal 3924/1961 e leis municipais 1658/1993 e 2299/1993.

Assim, foi desenvolvido o Programa de Acompanhamento e Monitoramento Arqueológico das Obras de Modificações da Praça Pinheiro Machado – Sítio Arqueológico de Santo Ângelo, integrado ao projeto de reforma da praça, autorizado pelo convênio de cooperação técnico-científica entre a Prefeitura Municipal e a URI – Campus Santo Ângelo, Foi contratada a Profa. Dra. Raquel Machado Rech, como arqueóloga responsável pelo projeto e a coordenação por parte da URI ficou a cargo da Profa. Me. Claudete Boff. Essa Universidade disponibilizou estagiários, estudantes do curso de História e Geografia, para o auxílio nos trabalhos de escavações e pesquisa. Contou, assim, com uma equipe de 30 pessoas, distribuídas em assistentes de campo e laboratório, estagiários bolsistas, estagiários voluntários e auxiliares de serviços gerais.

Tendo como base a única planta antiga do povoado registrada por José Maria Cabrer (1784), somada à sobreposição feita pelo arqueólogo Giovanni Scaramella em 1993, observa-se que a praça Pinheiro Machado foi implantada no mesmo local da antiga praça missioneira. Portanto, a área das obras na reforma da Praça da Catedral e seu entorno foi dividida em subáreas, para a realização das intervenções de campo, que compreenderam em prospecção arqueológica; levantamento geofísico; e escavações arqueológicas em busca de remanescentes em subsuperfície para serem expostos como um museu a céu aberto.

A subdivisão das áreas ficou, assim, definida: CAT- L – área a Leste da Catedral, compreendendo parte do colégio/casa dos padres e o respectivo pátio; CAT- O – área a Oeste da Catedral Angelopolitana, onde se encontrava o antigo cemitério jesuítico; CAT- N – área a Norte da Catedral, compreendendo os fundos da antiga igreja jesuítica e CAT- S – área a Sul da Catedral Angelopolitana, onde se localizava a antiga fachada da igreja jesuítica e a praça da antiga redução.

O contrato com a arqueóloga Raquel Rech, para o Projeto de reforma e remodelação da Praça era de três meses, mas precisou ser estendido para um ano. A URI – Campos Santo Ângelo, responsabilizou-se pela salvaguarda de

todos os materiais arqueológicos encontrados na escavação no NArq - Núcleo de Arqueologia do Centro de Cultura Missioneiro.

Ao final desse projeto ficaram, ao total, nove janelas arqueológicas dispostas no entorno da Catedral Angelopolitana, para evidenciar os vestígios da antiga igreja Jesuítica, tais como alicerces, pavimentos de ladrilho e bases de colunas. Permitem, assim, a visualização dos renascentes no subsolo, em trechos do pavimento. Como podemos observar na imagem abaixo:

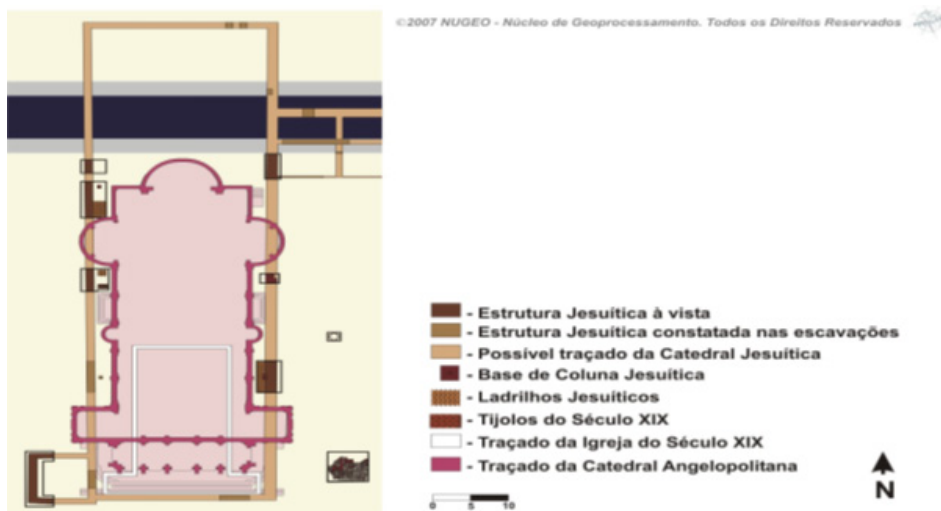


Figura 14. Sobreposição das plantas das diferentes igrejas da praça Pinheiro Machado.

Nas fotos a seguir é possível ver uma Janela arqueológica. Na primeira foto ela está em processo de construção. Podemos verificar os vestígios expostos *in situ*, ou seja, no mesmo local em que foram descobertos. No lado esquerdo, vemos um piso de ladrilhos hexagonais e quadrados; no meio, um afundamento no solo indica ser uma base de coluna para sustentação do telhado da antiga igreja. Já no lado direito, vemos um alicerce da parede oeste da igreja. Esse alicerce era composto por grandes blocos de itacuru e basalto, rochas típicas da região, e unidas por uma argamassa de itacuru moído e barro.



Figura 15. Janela Arqueológica.



Figura 16. A Janela Arqueológica concluída.

No ano de 2007, com a efetivação de Raquel Rech como arqueóloga do Município em julho de 2007, foi criado o (NArq/MMJOM) - Núcleo de Arqueologia do Museu Municipal Dr. José Olavo Machado. Sua fundação teve como objetivo principal efetivar pesquisas arqueológicas relacionadas à revitalização do Centro Histórico da cidade, trabalho que para o proprietário do lote a ser pesquisado não tenha nenhum custo financeiro. Diante disso, foi desenvolvido o “Programa de Vistoria, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico de Obras do Centro Histórico de Santo Ângelo, Área da Antiga Redução de Santo Ângelo Custódio”.

Com os resultados das pesquisas realizadas nos lotes do Centro Histórico de Santo Ângelo pelo Núcleo de Arqueologia do Museu Municipal Dr. José Olavo Machado, no ano de 2009 foi elaborado o projeto de Educação Patrimonial “*Jornadas de Arqueologia Missioneira.*” Destinado, inicialmente, a alunos do 4º e 5º anos do ensino fundamental das escolas Municipais e Estaduais, o projeto foi elaborado de forma lúdica, contando com grande inovação no processo de ensino e aprendizagem.

O projeto era executado em diferentes momentos ministrados pelas equipes de estagiários e bolsistas do NArq/MMJOM, de forma a contemplar experiências cognitivas, lúdicas e sensoriais com os alunos no processo de ensino aprendizagem de sua história local, destacando-se:

- Palestras audiovisuais na atual Praça Pinheiro Machado (local da *Plaza Mayor* da antiga redução);
- Visita guiada às “Janelas Arqueológicas” no entorno da Catedral;
- Intervenções cênicas de personagens históricos com alunos;
- Audição de música barroco-missioneira;
- Oficinas de arqueologia com escavações simuladas e oficinas de desenhos;
- Pausa para o “lanche temático” com alimentos preparados com produtos usados na época reducional;
- Oficina de cerâmica (com produção de miniaturas de cerâmica guarani);
- Emissão de certificado de participação;
- Cartilha Digital oferecida para às escolas para continuidade dos estudos

(Disponível em <http://museuolavomachado.blogspot.com.br/2015/05/leia-o-artigo-sobre-o-projeto-de.html>).

O projeto “Jornadas de Arqueologia Missioneira” teve enorme alcance e reconhecimento que, no seu segundo ano de atuação, foi um dos projetos contemplados pelo Prêmio Darci Ribeiro 2010, concedido pelo IBRAM/Minc – Instituto Brasileiro de Museus, sendo considerado uma das melhores ações educativas de museus brasileiros. No ano de 2015, outro objetivo foi alcançado: a elaboração da Cartilha digital, que foi o resultado da concessão de duas bolsas do Programa de Bolsa de Iniciação científica da Fundação de Amparo à Pesquisa no Rio Grande do Sul, PIBIC/FAPERGS. Dois estagiários foram contemplados com a bolsa e foram incumbidos de aprimorar a Cartilha

Digital, que você poderá acessar através deste site: <https://www.flipsnack.com/raquelmachadorech/cartilha-digital-jornadas-arqueologia-missioneira-narq-mmjom.html>.

A partir de 2017, uma nova arqueóloga assumiu a coordenação do NArq/MMJOM, Thalís Garcia deu continuidade nas vistorias em lotes do Centro Histórico da antiga redução jesuítica, realizando atividades de educação patrimonial e oficinas de cerâmica Guarani. No ano de 2021, quem assumiu a coordenação do núcleo de arqueologia foi o arqueólogo Cristiano de Jesus, contribuindo da mesma forma em vistorias em lotes do Centro Histórico e na educação patrimonial. Atualmente, o NArq/MMJOM está sob a coordenação do arqueólogo Orestes Jayme Mega, que está atuando em escavações e na divulgação do material que se encontra na reserva técnica do NArq/MMJOM.

Atividades de educação patrimonial e alguns exemplos de materiais que compõem a reserva técnica do NArq-MMJOM.

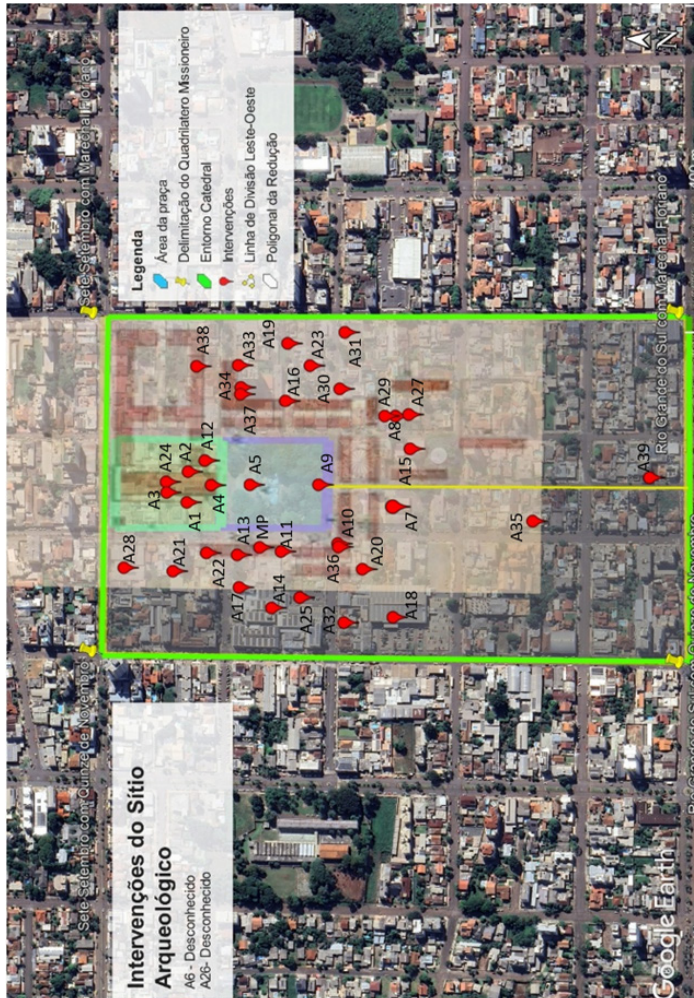




O atual programa de pesquisa arqueológica foi desenvolvido por ordem do IPHAN, que demandou a ampliação da área de abrangência para todo o território municipal, mas com ênfase no Centro Histórico do Município. Ainda não foi possível fazer pesquisa fora da área urbana, o que pretendemos fazer futuramente.

AS INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS NO QUADRILÁTERO MISSIONEIRO

As intervenções arqueológicas acontecem toda vez que um proprietário procura o NArq/MMJOM solicitando um laudo arqueológico para uma nova construção que será feita num terreno dentro da área protegida. Desde a fundação do NArq/MMJOM, foram realizadas 40 intervenções arqueológicas em diversos lugares no quadrilátero. O mapa a seguir mostra os locais dessas intervenções.



Uma intervenção arqueológica envolve diversas etapas que são:

1. **prospecção de superfície**, que consiste em caminhar sobre a superfície do terreno que será pesquisado.
2. **abertura de poços-testes**, que consiste em abrir pequenos buracos na superfície do terreno a fim de verificar seu potencial arqueológico.
3. **escavação de quadrícula**, que consiste em abrir um buraco de 1x1 metro para verificação mais cuidadosa da potencialidade arqueológica de uma determinada área.
4. **escavação de trincheira** ou área de escavação ampla, que consiste em abrir um buraco de tamanho variável, mas que seja grande o suficiente para permitir a visualização da profundidade da camada com material arqueológico (plano vertical) e sua extensão no terreno (plano horizontal).
5. **peneiramento do solo e/ou sedimento**, que consiste em peneirar o solo e/ou sedimento retirado dos locais escavados a fim de verificar a existência de fragmentos pequenos.
6. **coleta do material arqueológico**, que consiste na coleta documentada do material de interesse arqueológico, ou seja, sua localização tanto horizontal quanto vertical no terreno pesquisado.
7. **higienização**, que consiste em limpar o material arqueológico.
8. **etiquetagem**, que consiste em dar a cada fragmento coletado uma etiqueta identificatória.
9. **transporte do material para as dependências do NArq/MMJOM**, que consiste em levar o material arqueológico coletado no terreno para as dependências do NArq/MMJOM de forma segura.
10. **produção de registro fotográfico do material coletado**, que consiste em fotografar os fragmentos encontrados individualmente ou em grupo.
11. **quantificação do material coletado**, que consiste na contagem rigorosa do material coletado, os transformando em dados que serão analisados posteriormente.
12. **análise arqueológica do material coletado**, que consiste em analisar o material arqueológico coletado de acordo com a teoria arqueológica que adotamos e seguindo procedimentos metodológicos próprios da arqueologia.

13. **produção de relatório técnico**, que consiste em escrever o relatório técnico que será encaminhado ao IPHAN para análise deste órgão.
14. **armazenamento do material arqueológico**, que consiste em guardá-lo de forma segura para que possa ser utilizado em pesquisas subsequentes.
15. **alimentação do banco de dados**, que consiste em passar os dados obtidos em cada intervenção para o banco de dados do NAr/MMJOM a fim de se gerar o máximo de informação possível para que se possa gerar conhecimento.

A tabela a seguir contém alguns dados das intervenções arqueológicas que são úteis para a localização de cada uma delas no Quadrilátero Missioneiro. Estes dados foram obtidos nos cadernos de campo referentes a cada uma das intervenções. Infelizmente, não conseguimos encontrar todos os dados para completar a tabela.

Código Alfanumérico	Código SQL (Setor/Quadra/Lote)	Arqueólogo Responsável
Moto Peursi	S01 Q14 L16	Cláudio Baptista Carle
A1	S01 Q51 L03 CAT – OESTE	Raquel Machado Rech
A2	S01 Q51 L03 CAT – LESTE	Raquel Machado Rech
A3	S01 Q51 L03 CAT – NORTE	Raquel Machado Rech
A4	S01 Q51 L03 CAT – SUL	Raquel Machado Rech
A5	S01 Q51 L08 PRAÇA	Raquel Machado Rech
A6	Desconhecido	Raquel Machado Rech
A7	Colégio Onofre Pires S01 Q01 L01	Raquel Machado Rech
A8	S01Q11L31	Raquel Machado Rech
A9	Dentro da Quadra da Catedral (Insc.:01.01.108)	Raquel Machado Rech
A10	S01 Q10 L01	Raquel Machado Rech
A11	S01 Q14 L13	Raquel Machado Rech

Código Alfanumérico	Código SQL (Setor/Quadra/Lote)	Arqueólogo Responsável
A12	S01Q51L06	Raquel Machado Rech
A13	S01 Q14 L01	Raquel Machado Rech
A14	S01 Q14 L5/6	Raquel Machado Rech
A15	S01 Q02 L09	Raquel Machado Rech
A16	S01 Q15 L12	Raquel Machado Rech
A17	S01Q14L03	Raquel Machado Rech
A18	S01 Q10 L05	Raquel Machado Rech
A19	S01 Q15 L28	Raquel Machado Rech
A20	S01 Q10 L26	Raquel Machado Rech
A21	S01 Q18 L17	Raquel Machado Rech
A22	S01 Q18 L14	Raquel Machado Rech
A23	S01Q15L19	Raquel Machado Rech
A24	S01 Q51 L03	Raquel Machado Rech
A25	S01 Q14 L04	Raquel Machado Rech
A26	Desconhecido	Raquel Machado Rech
A27	S01 Q11 L22	Raquel Machado Rech
A28	S01Q18L01/20	Raquel Machado Rech
A29	S01 Q11 L23	Thalis Daiani Paz Garcia
A30	S01Q25L05	Thalis Daiani Paz Garcia
A31	S01 Q11 L09	Thalis Daiani Paz Garcia (1ª Intervenção) Orestes Jayme Mega (2ª Intervenção)
A32	S01 Q10 L04	Thalis Daiani Paz Garcia
A33	S01 Q15 L10	Thalis Daiani Paz Garcia
A34	S01 Q15 L05	Thalis Daiani Paz Garcia
A35	S01 Q03 L12	Thalis Daiani Paz Garcia
A36	S01 Q10 L01	Thalis Daiani Paz Garcia
A37	S01 Q15 L06	Thalis Daiani Paz Garcia
A38	S01 Q20 L04	Orestes Jayme Mega
A39	S01 Q38 L11	Orestes Jayme Mega

Código Alfanumérico	Código SQL (Setor/Quadra/Lote)	Arqueólogo Responsável
Indeterminada	Fragmentos arqueológicos presentes no NArq/MMJOM que não indicavam local de procedência	Indeterminado







MÉTODO

Neste capítulo explicaremos o método que utilizamos em nossa pesquisa com o material arqueológico acondicionado nas dependências do NArq/MMJOM. Nossa preocupação, desde o início de nossa pesquisa, foi a de atingirmos um grau de compreensão do nosso acervo que nos permitisse fazer algumas inferências sobre a vida das pessoas em cada etapa da história de nosso município, assim como das mudanças socioambientais na área do Quadrilátero Missioneiro.




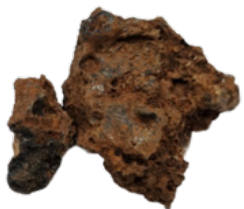


Nosso primeiro passo metodológico foi o de classificar os milhares de vestígios arqueológicos em diferentes categorias vestigiais, que apresentaremos adiante. Após esta etapa, quantificamos os vestígios de cada categoria, sempre respeitando os códigos alfanuméricos presentes em cada um deles, que indicavam suas procedências. Esses códigos estavam inscritos com tinta nanquim sob uma fina camada de esmalte em algum ponto da superfície de cada fragmento arqueológico presente na reserva técnica, como se fosse uma identidade, e foram feitos pelas equipes que trabalharam no NArq/MMJOM antes da atual. A próxima fase foi a de produzir tabelas e gráficos com estas quantificações, a fim de termos uma “ideia geral” do que havia em cada intervenção arqueológica. Depois disso, localizamos, através dos códigos SQL (Setor/Quadra/Lote) presentes nas informações contidas nos cadernos de campo nos quais as equipes anteriores anotaram as informações mais importantes de cada uma das intervenções. Essa fase foi muito importante, pois nos permitiu correlacionar o código alfanumérico presente na grande maioria dos fragmentos arqueológicos com lugares dentro do Quadrilátero Missioneiro. Nos casos em que não havia código alfanumérico inscrito nos vestígios, os classificamos como de procedência indeterminada. No final do processo, acondicionamos os vestígios de cada categoria em caixas de polietileno, sempre respeitando seus códigos alfanuméricos a fim de não misturarmos vestígios semelhantes, mas provenientes de lugares diferentes.

9.1 Categorias vestigiais

Categorias vestigiais são classificações do material arqueológico que realizamos a fim de melhor compreender a vida humana no passado de Santo Ângelo. As categorias vestigiais são:

Categoria Vestigial	Característica	Imagem
Cerâmica Construtiva Jesuítico-Guarani	Fragmentos de artefatos cerâmicos usados para fins construtivos e confeccionados durante o período missioneiro. Exemplos: ladrilhos e telhas.	
Cerâmica Construtiva do Repovoamento	Fragmentos de artefatos cerâmicos usados para fins construtivos e confeccionados durante o período de repovoamento do centro histórico do município. Exemplos: ladrilhos e telhas.	
Cerâmica Construtiva Recente	Fragmentos de artefatos cerâmicos usados para fins construtivos e confeccionados durante o século XX até a atualidade.	
Cerâmica Construtiva Indeterminada	Fragmentos de artefatos cerâmicos, cujas características não permitiram uma classificação nas três categorias acima.	
Cerâmica Utilitária Guarani	Fragmentos de artefatos cerâmicos utilizados para fins de estocagem de água e alimentos e demais usos domésticos, cujas características de forma de produção e estilo decorativo remetem à cultura Guarani.	
Cerâmica Utilitária Jesuítico Guarani	Fragmentos de artefatos cerâmicos utilizados para fins de estocagem de água e alimentos e demais usos domésticos cujas características de forma de produção e estilo decorativo remetem ao período missioneiro.	

Categoria Vestigial	Característica	Imagem
Cerâmica Utilitária Recente	Fragmentos de artefatos cerâmicos utilizados para fins de estocagem de água e alimentos e demais usos domésticos de datação recente; isto é, a partir do século XX.	
Cerâmica Utilitária Indeterminada	Fragmentos de artefatos cerâmicos utilizados para fins de estocagem de água e alimentos e demais usos domésticos cujas características não permitiram uma classificação nas categorias acima.	
Lítico Construtivo	Fragmentos de rochas utilizadas para fins construtivos. Exemplos: basalto, arenito, itacuru etc.	
Lítico Construtivo Decorativo Jesuítico-Guarani	Fragmentos de rochas que apresentam modificações feitas com fins decorativos.	
Lítico Utilitário	Fragmentos de objetos de pedra usados na pré-história, ou mesmo em períodos mais recentes. Exemplos: lascas de pedra usadas para cortar carne, furadores, raspadores, boleadeiras etc.	
Esfera Lítica	Rocha esférica que, em hipótese, poderia servir como matéria prima para a produção de boleadeiras. Também poderia ser parte do alicerce de construções da redução.	

Categoria Vestigial	Característica	Imagem
Louça	Fragmentos de objetos de louça, incluindo faiança. Exemplos: xícaras, pires, travessas, vasilhas, etc.	
Vidro	Fragmentos de objetos feitos de vidro. Exemplos: garrafas, copos, objetos de decoração etc.	
Metal	Fragmentos de objetos metálicos. Exemplos: pregos, facas, cartuchos de munição etc.	
Escória de Ferro	Subproduto da produção de utensílios de ferro.	
Ecofato	Elementos naturais destoantes do entorno natural em que foram encontrados pela sua composição ou sua disposição no ambiente Exemplo: pedras usadas para cercar uma fogueira durante a pré-história.	
Madeira	Fragmentos de material lenhoso, usados em construções, fogueiras ou como cabos de ferramentas.	

Categoria Vestigial	Característica	Imagem
Osso de animal	Ossos de animais domesticados ou selvagens. Exemplo: osso de bovinos, de ovinos, de equinos etc.	
Dente de animal	Dente de animais domesticados ou selvagens. Os dentes facilitam a identificação das espécies. Exemplo: dente de boi, dente de cavalo etc.	
Osso humano	Fíbula, fêmur, crânio etc.	
Couro	Qualquer tipo de objeto feito com couro. Exemplos, fragmentos de cela de cavalo, bainha, fragmento de vestuário, tiras de couro.	
Plástico	Qualquer tipo de plástico. Exemplos: brinquedos, botões de roupa, embalagens etc.	
Carvão	Subproduto da queima de madeira.	

Categoria Vestigial	Característica	Imagem
Material Recente	Fragmentos de materiais confeccionados a partir do século XX com funções diversas, tais como azulejos.	
Adobe	Fragmentos construtivos de adobe, também conhecido como pau a pique.	
Amostra de Solo	Conjunto de solo coletado em uma determinada intervenção.	

ANÁLISES

Neste capítulo, apresentaremos um conjunto de análises que visam dar início a um processo de compreensão do registro arqueológico presente em nossa reserva técnica. Com esse objetivo, serão apresentados muitos gráficos e tabelas, que representam os primeiros frutos de nossos esforços na compreensão de todo o conjunto de vestígios arqueológicos coletados em décadas de pesquisa. Como ressaltado, anteriormente, esses gráficos e tabelas são meios para nossa pesquisa e não fins. Em outros termos, com a finalidade de conseguirmos alcançar uma interpretação plausível do conjunto de vestígios arqueológicos sendo analisado, nós temos que trilhar um caminho metodológico que passa pela classificação e localização dos 24.258 itens que estudamos.

1. A primeira análise que apresentaremos é a espacial. Visa apresentar pontos de concentração e ausência das categorias vestigiais dentro do Quadrilátero Missioneiro.
2. A segunda análise é a frequencial. Tem por meta apresentar com qual frequência as categorias vestigiais são encontradas no Quadrilátero Missioneiro.
3. A terceira análise é a composicional. Tem por objetivo apresentar os principais componentes materiais dos vestígios sob nossa guarda.
4. A quarta análise é a cronológica. Sua finalidade é a de apresentar a divisão temporal dos vestígios, de acordo com seus períodos prováveis de confecção e uso.
5. A quinta análise é a funcional. Seu intuito é apresentar as funções que cada fragmento possuía em seus contextos originais de uso.

10.1 Análise espacial

Essa análise visa apresentar a distribuição espacial das categorias vestigiais, a fim de gerar uma visão panorâmica do Quadrilátero Missioneiro. Para isso, a área pesquisada foi dividida em 40 intervenções arqueológicas que representam os momentos em que as diferentes equipes do NArq/MMJOM foram convocadas para executar pesquisa arqueológica. Apresentaremos

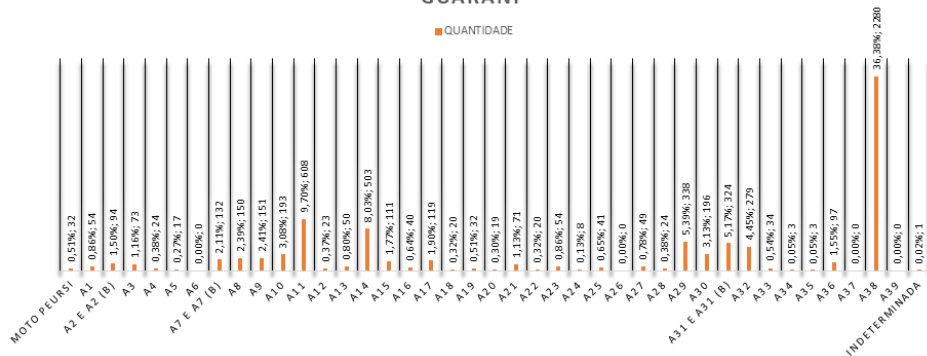
a distribuição por categoria vestigial, mostrando áreas de concentrações e ausências de cada uma das categorias por local dentro do Quadrilátero Missioneiro.

Os gráficos a seguir não representam a contagem final atualizada, necessitando de ajustes de pequenas variações. Porém, a partir deles, já é possível ter uma ideia da distribuição espacial das categorias vestigiais”.

CERÂMICA CONSTRUTIVA JESUÍTICO-GUARANI

Presente em 36 (90%) das intervenções. Ausente em 4 (10%) das intervenções.

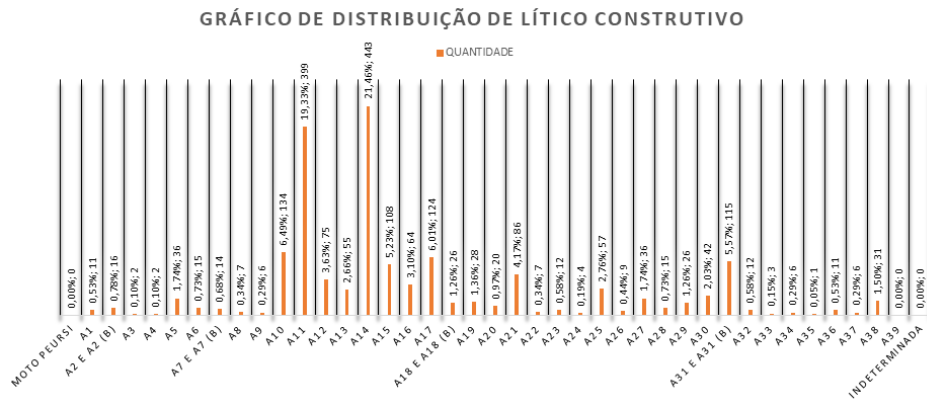
GRÁFICO DE DISTRIBUIÇÃO DE CERÂMICA CONSTRUTIVA JESUÍTICO-GUARANI



Brevíssima Interpretação Desta Categoria Vestigial: A alta taxa de presença desta categoria vestigial no Quadrilátero Missioneiro indica que o espaço construído da redução de Santo Ângelo abarcava a quase totalidade do Quadrilátero, existindo apenas alguns pontos deste que não foram urbanizados já no século XVIII. No gráfico, é possível ver que a intervenção A38 concentra 29,80% de todo o montante desta categoria vestigial. Em nossa interpretação, esta concentração pode ter acontecido de duas formas distintas: 1) havia na área onde atualmente está sendo construído o edifício Aurora, na rua Antônio Manoel, um forno que servia para a fabricação de ladrilhos e telhas na época missioneira e 2) material cerâmico construtivo estava sendo reunido na área a fim de ser redistribuído para outras partes da redução.

LÍTICO CONSTRUTIVO

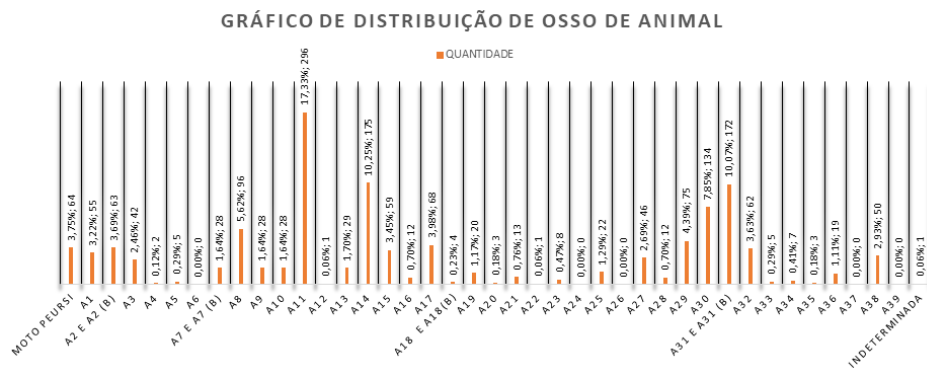
Presente em 38 (95%) das intervenções. Ausente em 2 (5%) das intervenções.



Brevíssima Interpretação dessa Categoria Vestigial: Essa é a categoria vestigial mais encontrada no Quadrilátero Missioneiro, não em quantidade, mas em distribuição espacial, estando presente em 95% das intervenções. As elevadas concentrações de vestígios desta categoria nas intervenções A11 e A14 chamam a atenção. Existiria nestes locais estruturas arquitetônicas que demandariam alicerces mais sólidos? Ainda não sabemos a resposta.

OSSO DE ANIMAL

Presente em 35 (87,50%) das intervenções. Ausente em 5 (12,50%) das intervenções.



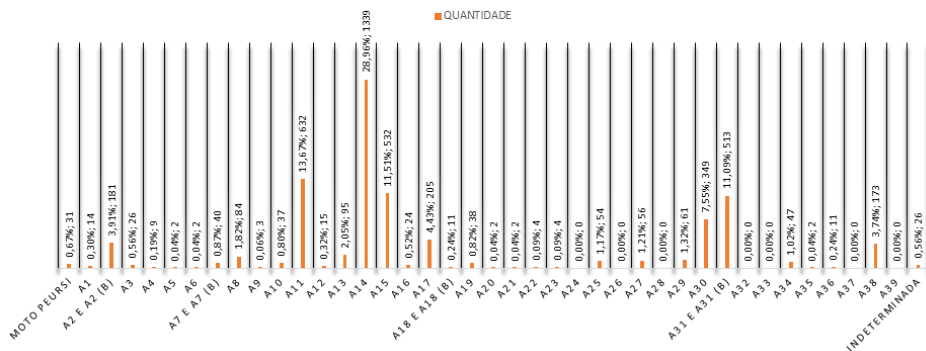
Brevíssima Interpretação dessa Categoria Vestigial: O gráfico mostra que, embora os vestígios dessa categoria estejam bem espalhados por todo o Quadrilátero Missioneiro, uma intervenção se destaca, a A11. É possível que o local tenha servido como área de despejo deste tipo de vestígio após a época missioneira. Um detalhe importante desta categoria é que é muito difícil diferenciar um vestígio alimentar da

época missioneira de um de época mais recente, pois, devido à intensa urbanização da área, houve o reviramento do solo, perturbando a estratigrafia arqueológica.

CERÂMICA UTILITÁRIA JESUÍTICO-GUARANI

Presente em 32 (80%) das intervenções. Ausente em 8 (20%) das intervenções.

GRÁFICO DE DISTRIBUIÇÃO DE CERÂMICA UTILITÁRIA JESUÍTICO-GUARANI

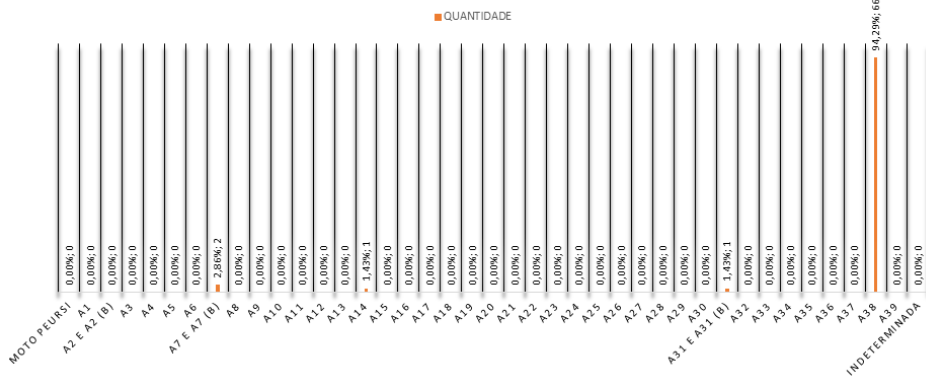


Brevíssima Interpretação dessa Categoria Vestigial: Essa categoria vestigial é uma das mais importantes para a compreensão das atividades realizadas nos espaços da redução de Santo Ângelo Custódio. O fato de haver uma concentração deste material na intervenção A14 indica que o local pode ter abrigado uma área de depósito ou mesmo de uma área residencial com muitos moradores.

ESCÓRIA DE FERRO

Presente em 4 (10%) das intervenções. Ausente em 36 (90%) das intervenções

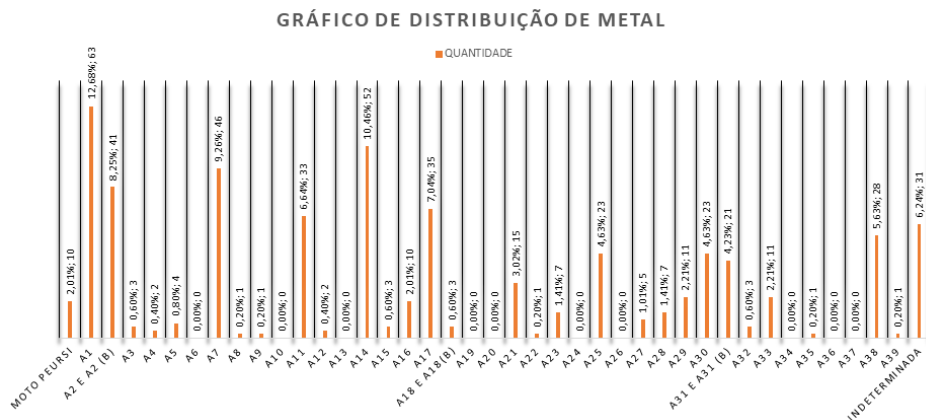
GRÁFICO DE DISTRIBUIÇÃO DE ESCÓRIA DE FERRO



Brevíssima Interpretação desta Categoria Vestigial: No que diz respeito a essa categoria vestigial, observa-se uma enorme concentração na intervenção A38. Em nossa interpretação, isso se deve à existência de uma forja naquela localidade, que, na época missioneira, correspondia às oficinas da redução.

METAL

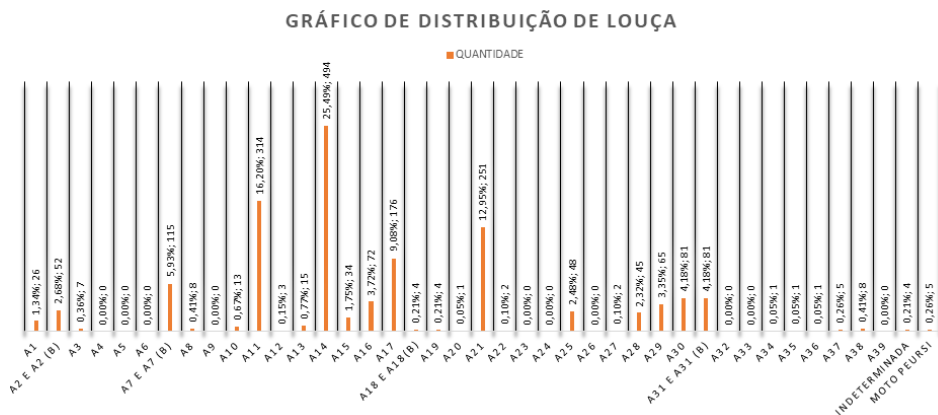
Presente em 30 (75%) das intervenções. Ausente em 10 (25%) das intervenções



Brevíssima Interpretação dessa Categoria Vestigial: A partir do gráfico podemos observar que instrumentos metálicos eram bastante difundidos na área do Quadrilátero Missioneiro nos séculos XIX e XX. Infelizmente, ainda não tivemos tempo de averiguar quantos fragmentos de instrumentos metálicos missioneiros estão presentes em nossa reserva técnica, o que pretendemos fazer numa etapa subsequente, mas acreditamos que não sejam muitos.

LOUÇA

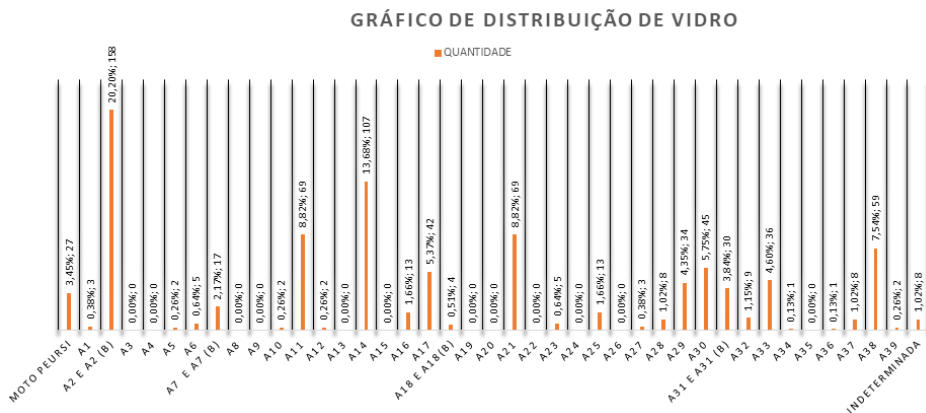
Presente em 30 (75%) das intervenções. Ausente em 10 (25%) das intervenções



Brevíssima Interpretação dessa Categoria Vestigial: A alta concentração de fragmentos de louça na intervenção A14 indica a possibilidade de que, nos séculos XIX e XX, houve uma ou mais unidades residenciais de elevado padrão econômico.

VIDRO

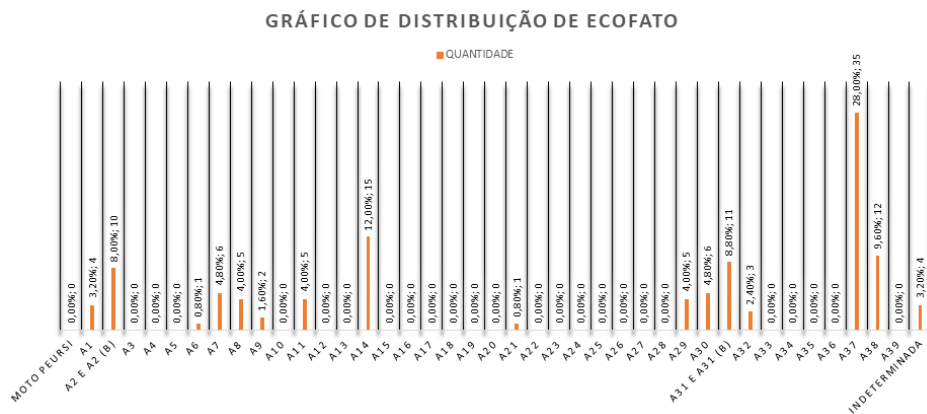
Presente em 26 (65%) das intervenções. Ausente em 14 (35%) das intervenções.



Brevíssima Interpretação dessa Categoria Vestigial: O gráfico mostra que a intervenção A2 concentra 20,76% dos vestígios vítreos. Ainda não sabemos a razão disto. Uma provável explicação é a existência de algum depósito de vasilhames vítreos na área em algum ponto do século XX. Somente depois de uma análise pormenorizada nesta categoria vestigial é que conseguiremos alcançar um conhecimento mais profundo.

ECOFATO

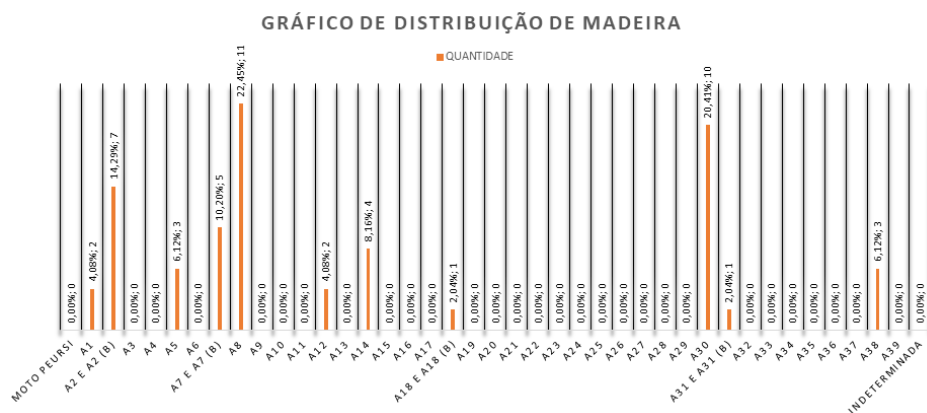
Presente em 14 (35%) das intervenções. Ausente em 26 (65%) das intervenções.



Brevíssima Interpretação dessa Categoria Vestigial: O que chama a atenção nesta categoria vestigial é a grande concentração na intervenção A37. Acreditamos que esta concentração se deve à existência de um colecionador que morava na área em época incerta.

MADEIRA

Presente em 10 (25%) intervenções. Ausente em 30 (75%) das intervenções.

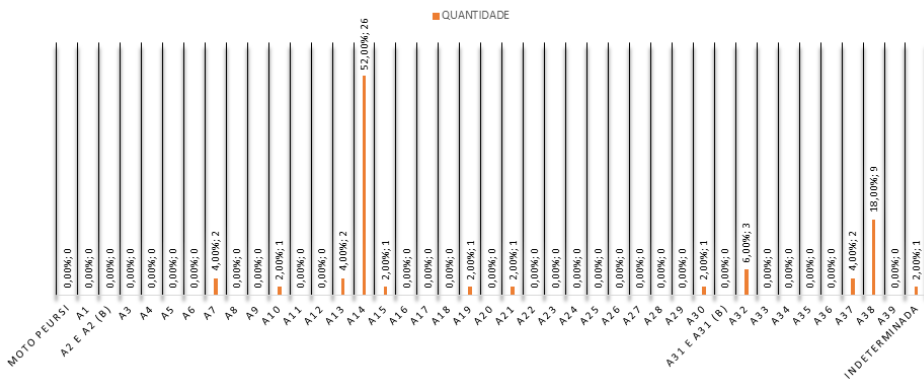


Brevíssima Interpretação dessa Categoria Vestigial: Infelizmente, no presente momento, não temos como saber se os vestígios de madeira em nossa reserva técnica são da época missioneira. Mais pesquisa precisa ser feita para termos certeza disso. Quanto à distribuição dessa categoria vestigial pelo Quadrilátero Missioneiro, verificamos altas concentrações nas intervenções A8 e A30, o que pode representar vestígios de estruturas construtivas em madeira existentes nestes lugares no passado.

CARVÃO

Presente 11 (27,50%) das intervenções. Ausente em 29 (72,50%) das intervenções.

GRÁFICO DE DISTRIBUIÇÃO DO CARVÃO

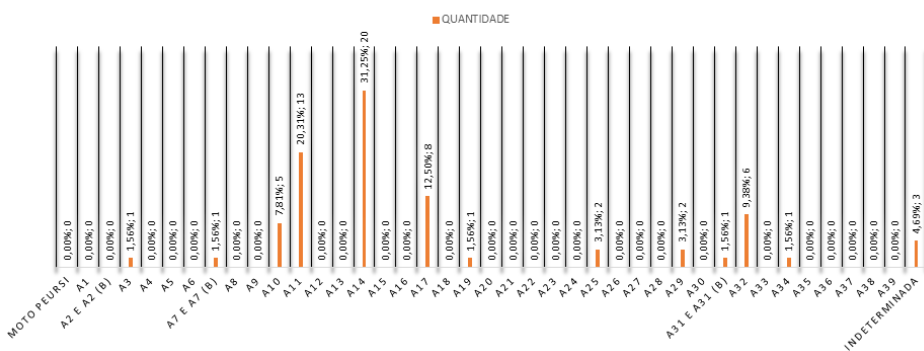


Brevíssima Interpretação Desta Categoria Vestigial: Nossa hipótese é de as amostras de carvão presentes em nossa reserva técnica são vestígios de estruturas de cozinhas missioneiras e/ou da época do repovoamento da área do Quadrilátero Missioneiro no século XIX.

ESFERA LÍTICA

Presente em 10(25%) das intervenções. Ausente em 30 (75%) das intervenções.

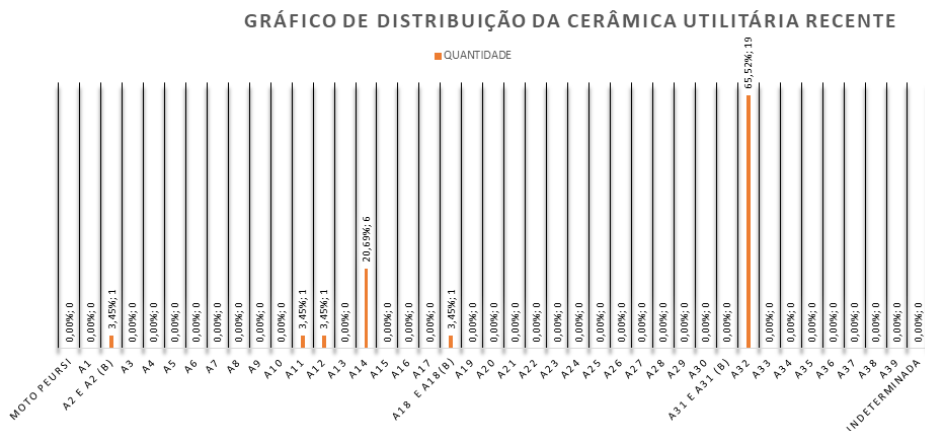
GRÁFICO DE DISTRIBUIÇÃO DE ESFERAS LÍTICAS



Brevíssima Interpretação dessa Categoria Vestigial: Ainda não temos certeza sobre os usos desta categoria vestigial. Os objetos que a compõem podem ter sido usados como lítico construtivo ou como o estágio inicial de confecção de uma boleadeira. Mais estudos precisam ser realizados a esse respeito. Mas, se interpretarmos como boleadeiras em estágio inicial, a alta concentração de esferas líticas na intervenção A11 indica que nesse local talvez possa ter existido pessoas que sabiam transformar essas esferas em boleadeiras de fato.

CERÂMICA UTILITÁRIA RECENTE

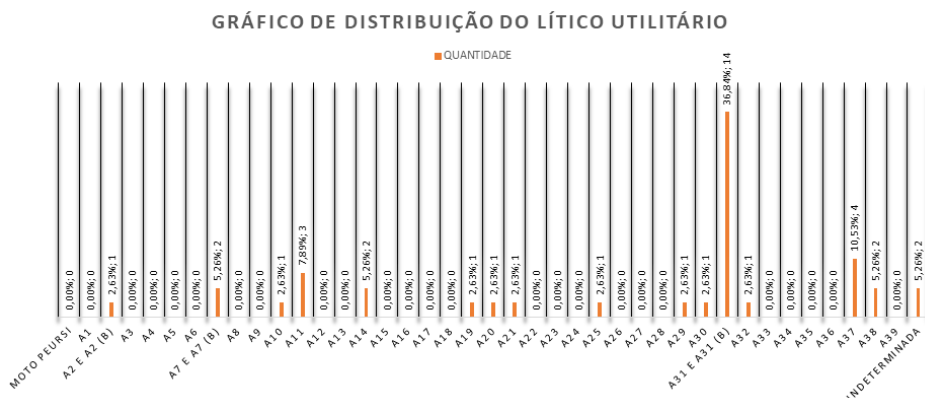
Presente em 5 (12,50%) das intervenções. Ausente em 35(87,50%) das intervenções.



Brevíssima Interpretação dessa Categoria Vestigial: Por ser um elemento recente, essa categoria vestigial não recebe tanta atenção quanto às cerâmicas utilitárias Guarani e Jesuítico-Guarani. Sua coleta se dá, em muitos casos, para comprovar que houve uma perturbação da estratigrafia arqueológica de um determinado local.

LÍTICO UTILITÁRIO (FERRAMENTAS LÍTICAS E ASSEMELHADOS)

Presente em 14 (35%) das intervenções. Ausente em 26 (65%) das intervenções.

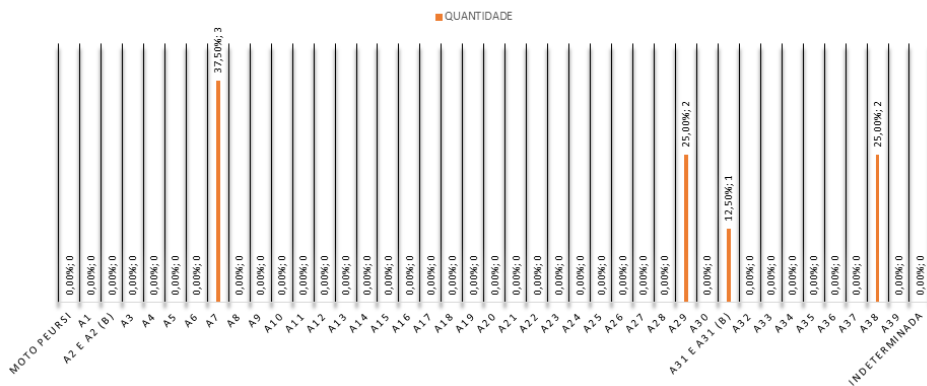


Brevíssima Interpretação dessa Categoria Vestigial: Atribuir uma datação relativa a essa categoria vestigial é difícil, pois ela pode tanto ser anterior ao estabelecimento da redução de Santo Ângelo quanto do tempo da redução, pois existem autores que defendem que os Guarani continuaram a produzir ferramentas líticas no período missionário. Contudo, chama a atenção a concentração na intervenção A31. Ainda não temos condições de interpretar essa concentração neste momento de nossa pesquisa.

PLÁSTICO

Presente em 4 (10%) das intervenções. Ausente em 36 (90%) das intervenções.

GRÁFICO DE DISTRIBUIÇÃO DO PLÁSTICO



Brevíssima Interpretação dessa Categoria Vestigial: Os vestígios plásticos são recolhidos para constatar a perturbação das camadas arqueológicas.

CERÂMICA UTILITÁRIA INDETERMINADA

Presente em 10 (25%) das intervenções. Ausente em 30 (75%) das intervenções.

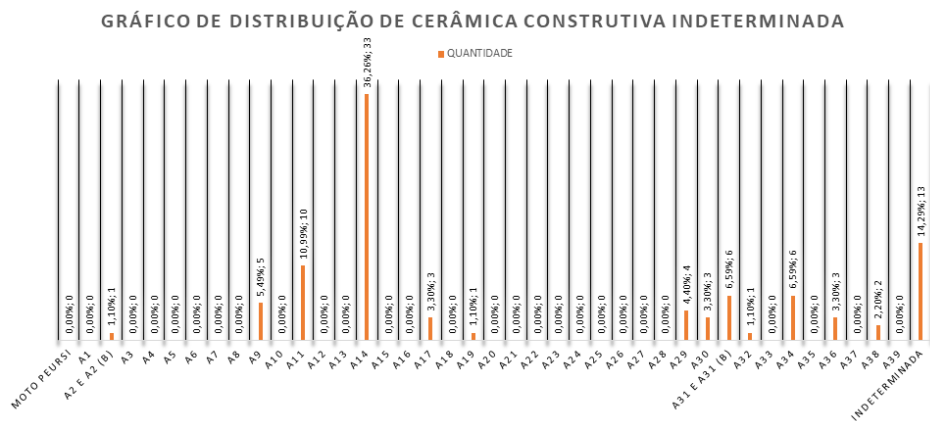
GRÁFICO DE DISTRIBUIÇÃO DA CERÂMICA UTILITÁRIA INDETERMINADA



Brevíssima Interpretação dessa Categoria Vestigial: O qualitativo indeterminada dado à essa categoria tende a desaparecer conforme for aumentando nossa capacidade de identificar os fragmentos cerâmicos.

CERÂMICA CONSTRUTIVA INDETERMINADA

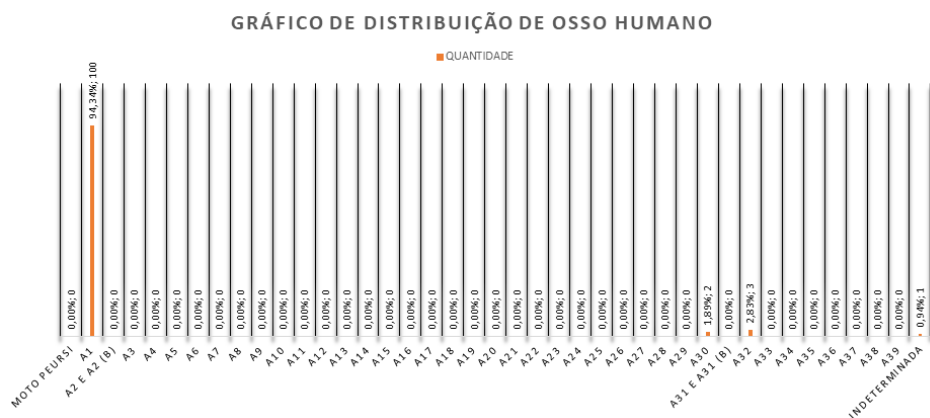
Presente em 13 (32,50%) das intervenções. Ausente em 27 (67,50%) das intervenções.



Brevíssima Interpretação desta Categoria Vestigial: O qualitativo indeterminado a essa categoria tende a desaparecer conforme for aumentando nossa capacidade de identificar os fragmentos cerâmicos.

OSSO HUMANO

Presente em 3 (7,50%) das intervenções. Ausente em 37 (92,50%) das intervenções.

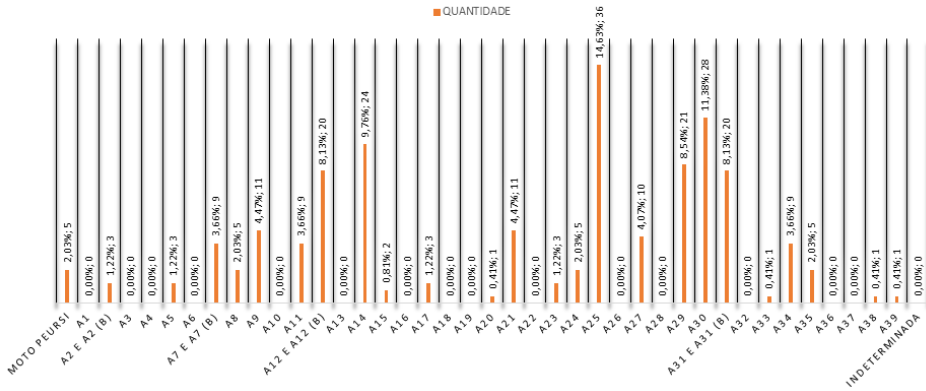


Brevíssima Interpretação Desta Categoria Vestigial: A concentração de vestígios ósseos humanos na intervenção A1 indica a presença do cemitério da redução de Santo Ângelo. Quanto aos outros 6 fragmentos ósseos humanos encontrados em outras partes do Quadrilátero Missioneiro, nossa hipótese é que datem do período de repovoamento.

CERÂMICA CONSTRUTIVA RECENTE

Presente em 25 (62,50%) das intervenções. Ausente em 15 (37,50%) das intervenções.

GRÁFICO DE DISTRIBUIÇÃO DA CERÂMICA CONSTRUTIVA RECENTE

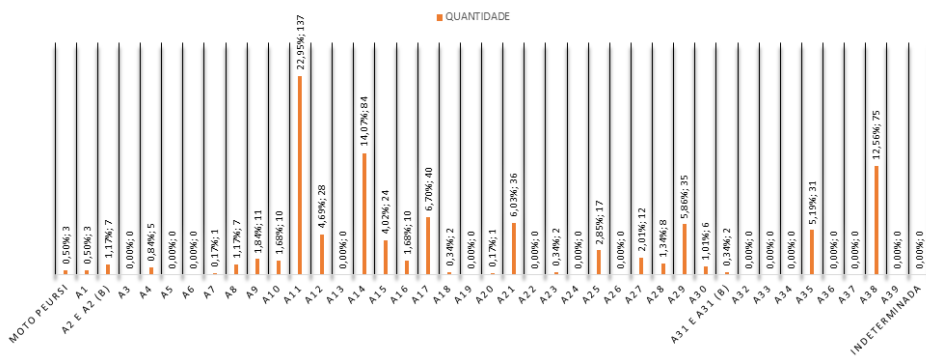


Brevíssima Interpretação dessa Categoria Vestigial: Essa categoria vestigial está diretamente relacionada à expansão da malha urbana no decorrer do século XX.

CERÂMICA CONSTRUTIVA DO REPOVOAMENTO

Presente em 25 (62,50%) das intervenções. Ausente em 15 (37,50%) das intervenções.

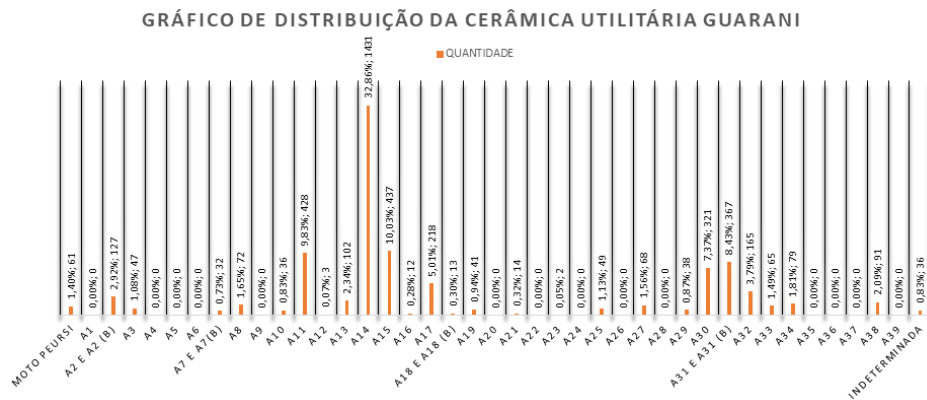
GRÁFICO DE DISTRIBUIÇÃO DA CERÂMICA CONSTRUTIVA DO REPOVOAMENTO



Brevíssima Interpretação desta Categoria Vestigial: Essa categoria vestigial está diretamente relacionada ao processo de repovoamento de Santo Ângelo no século XIX. Há uma concentração na intervenção A11 que indica um local de importância naquele período da história de Santo Ângelo.

CERÂMICA UTILITÁRIA GUARANI

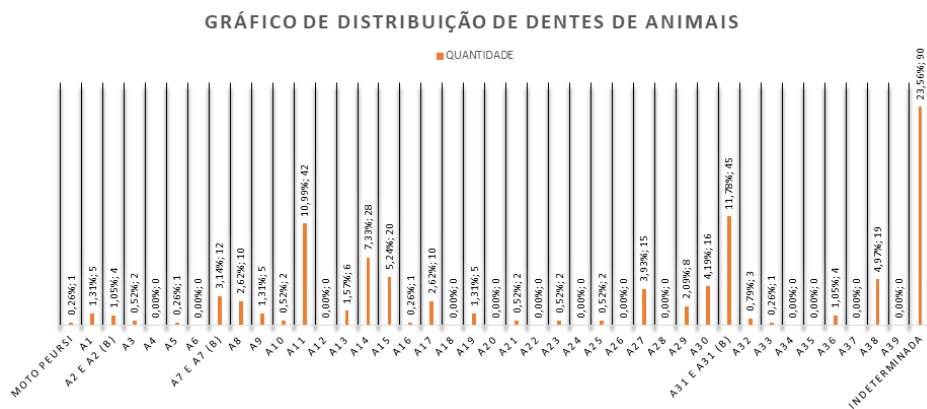
Presente em 25 (62,50%) das intervenções. Ausente em 15 (37,50%) das intervenções.



Brevíssima Interpretação desta Categoria Vestigial: A elevada concentração dessa categoria vestigial na intervenção A14 é um indicio de que naquela área havia um elevado número de moradores

DENTE DE ANIMAL

Presente em 27 (67,50%) das intervenções. Ausente em 13 (32,50%) das intervenções.

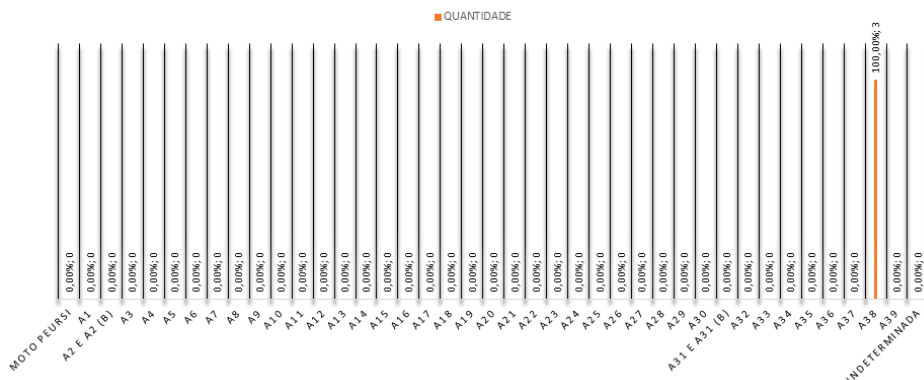


Brevíssima Interpretação desta Categoria Vestigial: O gráfico mostra uma distribuição espacial abrangente dessa categoria vestigial. Entretanto, há uma concentração há intervenção A11 que precisa ser melhor investigada, pois ela reúne pouco mais de um quinto de todos os dentes de animal do Quadrilátero Missioneiro. Seria prática de colecionismo? Ainda não sabemos a resposta.

ADOBE (PAU-A-PIQUE)

Presente em 1 (2,50%) das intervenções. Ausente em 39 (97,50%) das intervenções.

GRÁFICO DE DISTRIBUIÇÃO DE ADOBE E PAU-A-PIQUE

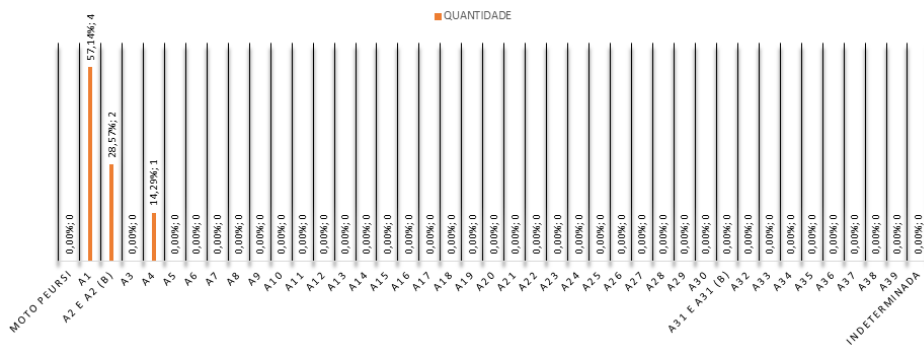


Brevíssima Interpretação desta Categoria Vestigial: a concentração de vestígios dessa categoria na intervenção A38 indica que houve na área, possivelmente após o fim do período missionário, uma edificação simples feita de adobe. Também é possível que houvesse edificações de adobe em outras áreas do Quadrilátero, mas seus vestígios não foram coletados.

LÍTICO CONSTRUTIVO DECORATIVO JESUÍTICO-GUARANI

Presente em 3 (7,50%) das intervenções. Ausente em 37 (92,50%) das intervenções.

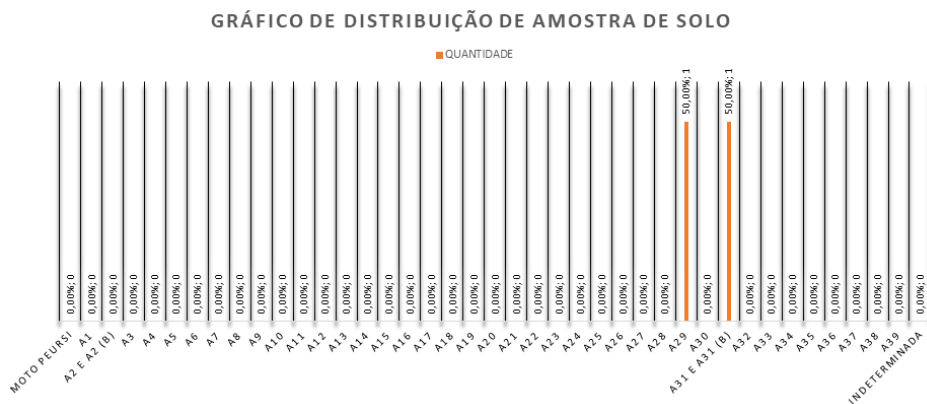
GRÁFICO DE DISTRIBUIÇÃO DE LÍTICO CONSTRUTIVO DECORATIVO JESUÍTICO-GUARANI



Brevíssima Interpretação desta Categoria Vestigial: Os poucos vestígios dessa categoria foram todos encontrados no entorno da catedral e, provavelmente, faziam parte da decoração arquitetônica da catedral Jesuítico-Guarani.

AMOSTRA DE SOLO

Presente em 2 (5,00%) das intervenções. Ausente em 38 (95,00%) das intervenções.



Brevíssima Interpretação desta Categoria Vestigial: As amostras de solo são coletadas para análises da composição dos solos de pontos específicos do Quadrilátero Missioneiro. Até o presente momento, não tivemos tempo de realizar essas análises.

A fim de complementar as informações apresentadas nos gráficos acima, elaboramos a tabela abaixo, que apresenta o número total de vestígios encontrados em cada uma das intervenções e suas respectivas porcentagens do total de vestígios do Quadrilátero Missioneiro.

Nela, será possível perceber, de maneira mais clara, os padrões de concentrações e ausências que muito auxiliam na compreensão da arqueologia da área pesquisada.

Nosso método de apresentação dos dados da tabela foi o de organizá-la de forma decrescente por número de vestígios, a fim de melhor explicar a análise espacial.

Após a apresentação da tabela, faremos a análise espacial. Está diretamente relacionada com o número de vestígios arqueológicos presentes em cada uma das intervenções e suas respectivas porcentagens sobre o montante total de vestígios guardados em nossa reserva técnica.

PORCENTAGEM DE FRAGMENTOS POR SÍTIO (ESPACIAL)		
INTERVENÇÃO	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
A14	4820	19,87%
A11	3019	12,45%
A38	2916	12,02%
A31 e A31 (B)	1737	7,16%
A15	1331	5,49%
A30	1274	5,25%
A17	1064	4,39%
A2	773	3,19%
A29	732	3,02%
A21	573	2,36%
A32	571	2,35%
A7 e A7 (B)	493	2,03%
A10	463	1,91%
A8	459	1,89%
A25	366	1,51%
A13	356	1,47%
A1	346	1,43%
A27	302	1,24%
A16	258	1,06%
MOTO PEURSI	241	0,99%
INDETERMINADO	228	0,94%
A9	223	0,92%
A3	203	0,84%
A12	200	0,82%
A19	172	0,71%
A34	160	0,66%
A33	156	0,64%
A36	147	0,61%
A28	122	0,50%
A23	100	0,41%
A18 e A18 (B)	89	0,37%
A5	73	0,30%
A37	63	0,26%

A20	48	0,20%
A35	47	0,19%
A4	45	0,19%
A22	35	0,14%
A6	23	0,09%
A24	17	0,07%
A26	9	0,04%
A39	4	0,02%
TOTAL GERAL	24.258	100%

Ao analisarmos a tabela acima, verificamos que em apenas 7 intervenções a quantidade de vestígios coletados superou o número de 1.000. Juntas, elas somam 16.161 vestígios, o que equivalem a 66,62% de tudo o que foi coletado no Quadrilátero Missioneiro. A estas intervenções chamamos de grandes.

As intervenções médias são aquelas cujo número de vestígios coletados varia entre 100 e 999. Elas são 22 no total e juntas somam 7.416 vestígios arqueológicos, correspondendo a 30,57% do total de vestígios do Quadrilátero Missioneiro.

As intervenções pequenas são aquelas cujo número de vestígios varia entre 1 (um) e 99. Elas são 11 no total e nelas foram coletados 453 vestígios arqueológicos, somando 1,87% do total.

Existem ainda os 228 vestígios de procedência indeterminada, perfazendo 0,94% do total. A única coisa que sabemos sobre eles é que são provenientes do Quadrilátero Missioneiro.

As concentrações de vestígios nas 7 intervenções grandes são indicativas da importância destes locais para a análise espacial da área pesquisada, pois, na pesquisa arqueológica, geralmente é coletada uma amostragem significativa do material arqueológico e não ele todo. Em futuras publicações, pretendemos nos aprofundar no estudo pormenorizado destas intervenções.

Em nossa análise espacial, dividimos o Quadrilátero Missioneiro em quatro áreas

- Entorno da Catedral
- Praça
- Lado Leste
- Lado Oeste

A linha imaginária que divide o Quadrilátero Missioneiro em lado leste e oeste começa no extremo sul da rua missioneira e avança para o norte até o início da praça Pinheiro Machado, mas seu efeito divisivo continua após o início da praça, pois existiam edificações missioneiras tanto de um lado quanto de outro da praça. Já o entorno da Catedral Angelopolitana foi entendido como uma área à parte. Na tabela a seguir, apresentamos os dados referentes à distribuição espacial da totalidade dos vestígios.

ANÁLISE ESPACIAL			
Área	Quantidade de Intervenções	Quantidade de Vestígios	Porcentual do Total de Vestígios (Valor Aproximado)
Entorno da Catedral Angelopolitana	6	1.584	6,53%
Praça	1	73	0,30%
Lado Leste	15	9.887	40,76%
Lado Oeste	16	12.454	51,34%
Não Encontrado	2	32	0,13%
Indeterminado	–	228	0,94%
TOTAL	40	24.258	100%

A tabela nos ajuda a observar a existência de uma clara preponderância da presença de vestígios arqueológicos no lado oeste do Quadrilátero Missioneiro. Ainda não temos condições de responder o porquê desta preponderância. Este é um tema sobre o qual nos debruçaremos em etapas posteriores de nossa pesquisa.

10.2 Análise frequencial

Esta análise visa mostrar quais são as categorias vestigiais mais facilmente encontradas e, também, quais são as mais difíceis e raras de se encontrar. As 40 intervenções arqueológicas realizadas no Quadrilátero Missioneiro desde 1997 geraram dados quantitativos que nos permitiram organizar a tabela abaixo, na

qual mostramos a frequência com a qual foram encontrados os fragmentos das diferentes categorias vestigiais em porcentagens de intervenções.

Um detalhe importante a ser observado é que três categorias vestigiais estão ausentes da tabela (Material Recente, Plástico e Amostra de Solo). A ausência destas categorias se deve ao fato de que, atualmente, elas são extremamente frequentes. Suas coletas só foram realizadas com fins de comprovação das camadas arqueológicas com elementos da cultura material hodierna e, no caso da amostra de solo, porque ela é presente em todas as intervenções. As amostras de solo presentes em nossa reserva técnica foram coletadas com a finalidade de análise de dados ambientais.

Posição	Categoria Vestigial	Frequência de Aparecimento nas Intervenções	Grau de Frequência
1 ^a	Lítico Construtivo	95%	Frequentemente Encontrado
2 ^a	Cerâmica Construtiva Jesuítico-Guarani	90%	
3 ^a	Osso de Animal	87,50%	
4 ^a	Cerâmica Utilitária Jesuítico-Guarani	80%	
5 ^a	Louça	75%	
6 ^a	Metal	75%	
7 ^a	Dente de Animal	67,50%	
8 ^a	Vidro	65%	
9 ^a	Cerâmica Construtiva do Repovoamento	62,50%	
10 ^a	Cerâmica Construtiva Recente	62,50%	
11 ^a	Cerâmica Utilitária Guarani	62,50%	
12 ^a	Ecofato	35%	Difícilmente Encontrado
13 ^a	Lítico Utilitário	35%	
14 ^a	Cerâmica Construtiva Indeterminada	32,50%	
15 ^a	Carvão	27,50%	
16 ^a	Cerâmica Utilitária Indeterminada	25%	
17 ^a	Madeira	25%	
18 ^a	Esféras Líticas	25%	
19 ^a	Cerâmica Utilitária Recente	12,50%	

20 ^a	Escória de Ferro	10%	Raramente Encontrado
21 ^a	Lítico Construtivo Decorativo Jesuítico-Guarani	7,50%	
22 ^a	Osso Humano	7,50%	
23 ^a	Couro	5%	
24 ^a	Adobe	2,50%	

A divisão da tabela em três segmentos representando o grau de frequência com o qual as categorias vestigiais são encontradas mostra um quadro geral da cultura material que existiu na época missioneira. Todavia, é necessário ter cuidado na hora de interpretar a tabela. O couro, por exemplo, era um elemento bem mais comum, tanto na época missioneira quanto em épocas posteriores, mas, devido a condições de preservação deste tipo de material, que se deteriora facilmente com o passar do tempo quando em contato com as intempéries, não aparece em números significativos no registro arqueológico. O mesmo pode ser dito sobre o adobe. Portanto, podemos dizer que estas categorias vestigiais estão sub-representadas em nossa reserva técnica.

Contudo, embora haja o problema da sub-representação de elementos da cultura material, as 11 categorias mais numerosas e, portanto, frequentemente encontradas em nossas atividades de campo, são capazes de explicitar a materialidade da vida missioneira com elevado grau de certeza.

10.3 Análise composicional

Esta análise visa classificar os vestígios arqueológicos presentes em nossa reserva técnica em categorias composicionais, isto é, os componentes materiais dos vestígios arqueológicos.

Neste primeiro momento de nossa pesquisa, classificamos os fragmentos em categorias composicionais amplas tais como cerâmica (que inclui fragmentos de porcelana e faiança) e rochoso (que inclui itacuru, basalto, arenito etc), além de outras categorias que serão apresentadas adiante. Esta classificação ampla dará lugar a uma mais detalhada futuramente. É importante salientar que estamos classificando os fragmentos pelos seus principais componentes materiais. Alguns fragmentos possuem dois ou mais componentes, tais como uma louça, que, além de porcelana, também pode possuir tinta e esmalte. Em momento subsequente de nossa pesquisa, faremos uma divisão dos fragmentos por número de componentes.

A tabela abaixo visa mostrar as categorias composicionais com as quais estamos trabalhando neste momento:

Categoria Composicional	Componentes Materiais	Tipos de Objetos
Cerâmico	Cerâmica, porcelana e faiança	Vasilhames cerâmicos, xícaras, pratos, pires, travessas, etc.
Metálico	Ferro, aço, níquel, etc.	Garfos, facas, pregos, escória de ferro etc.
Vítreo	Qualquer material vítreo	Garrafas, vidro de janelas, copos etc.
Rochoso	Basalto, arenito, itacuru etc.	Material construtivo, ferramentas líticas, etc.
Ósseo	Ossos de animais e de seres humanos	Restos mortais humanos e vestígios ósseos de alimentação.
Lenhoso	Madeira e carvão	Resíduos de material construtivo de madeira e resíduos de atividade de queima de madeira.
Malacológico	Conchas de moluscos	Conchas de moluscos
Conjugados	Quando um vestígio possui mais de um componente material	Madeira com prego
Outros	Materiais de baixa representatividade em nossa reserva técnica	Materiais de baixa representatividade em nossa reserva técnica

A tabela abaixo ajuda a entender a análise composicional de nossa reserva técnica:

Análise Composicional		
Categoria Composicional	Quantidade de Fragmentos	Porcentagem do Total (valor aproximado)
Cerâmico	18.226	75,13%
Rochoso	2.294	9,46%
Ósseo	2.196	9,05%
Vítreo	782	3,22%
Metálico	567	2,34%
Lenhoso	99	0,41%
Outros	88	0,36%
Malacológico	4	0,02%
Conjugados	2	0,01%
TOTAL	24.258	100%

A alta incidência de material cerâmico é resultado da grande utilidade deste tipo de componente, sendo utilizado tanto em objetos de função construtiva quanto de função utilitária em todos os períodos da história local. Além disso, a resistência deste componente à passagem do tempo é um fator importante a ser considerado.

O fato que mais chama a atenção é o de que 3 a cada 4 vestígios arqueológicos em nossa reserva técnica pertencem a esta categoria composicional. Tal proporção deve ser comparada com outros lugares na região dos Sete Povos das Missões onde houve pesquisas arqueológicas, o que pretendemos fazer em etapa subsequente de nossa pesquisa. Também pretendemos realizar um refinamento desta análise, subdividindo esta categoria a fim de obter dados mais precisos sobre filiação cultural dos vestígios cerâmicos, observando características tais como os padrões decorativos, a composição da pasta, o tipo de queima, o peso do montante dos fragmentos de cada intervenção etc.

O componente rochoso também está relacionado a objetos de função construtiva e utilitária, com forte prevalência da função construtiva. Ainda não tivemos tempo de realizar uma análise interna desta categoria composicional. Nossa intenção é a de conhecer as proporções dos diferentes tipos de rocha nesta categoria. Nossas observações preliminares apontam para a presença de basalto, itacuru e arenito como as rochas mais usadas, principalmente quanto ao uso como material construtivo. Entretanto, por esta categoria também englobar o material lítico utilitário e a maior parte dos ecofatos, pretendemos descobrir os outros tipos de rocha utilizados.

O material ósseo é caracterizado por ser quase inteiramente representado por vestígios alimentícios. No presente momento, não temos como apresentar um estudo mais detalhado desta categoria, mostrando as espécies a que pertencem e os períodos da história local em que foram consumidos. Pelo fato de que o consumo de carne foi muito comum tanto no período missioneiro quanto do repovoamento, preferimos não inserir esta categoria composicional em nenhum destes dois períodos, pois isto demandaria um estudo mais aprofundado, que ainda não tivemos tempo de realizar.

O material vítreo também carece de um estudo mais pormenorizado, o que faremos em momento mais oportuno. Contudo, observações preliminares apontam para a alta incidência de frascos de perfumaria, o que ainda precisa ser confirmado por observações mais metódicas. O mesmo acontece com as outras categorias composicionais, que, embora tenham sido encontradas em menor quantidade, são capazes de revelar aspectos importantes da vida social dos diferentes períodos de nossa história.

A soma das duas categorias mais numerosas: cerâmico e rochoso, atinge 20.520 fragmentos, o que corresponde a 84,60% do total de fragmentos em nossa reserva técnica, indicando a altíssima prevalência destes componentes materiais em todas as etapas da história local.

10.4 Análise cronológica

Esta análise visa classificar os vestígios arqueológicos de acordo com o período em que foram confeccionados e utilizados. Dividimos a história de Santo Ângelo em cinco categorias temporais, além de uma categoria abrangente de vestígios que ainda não conseguimos identificar em qual dos cinco períodos foram confeccionados e utilizados.

- Pré-Missioneiro (de antes da instalação da redução até o início do século XVIII)
- Missioneiro (de 1707 a 1768)
- Repovoamento (de 1859 ao início do século XX)
- Recente (do século XX em diante)
- Indeterminado (sem período definido)

Esta divisão cronológica da história de Santo Ângelo, embora arbitrária, é útil neste primeiro momento de nossa pesquisa. Conforme nosso conhecimento for avançando, podemos substituir ou aperfeiçoar esta periodização.

É importante salientar que algumas categorias vestigiais são de difícil classificação cronológica, pois podem pertencer a mais de um período. O principal caso é o dos ecofatos, que podem pertencer a qualquer um dos cinco períodos, pois colecionadores de curiosidades geológicas ou de qualquer outra natureza sempre existiram. Um outro caso importante é o dos líticos utilitários, que podem pertencer aos três primeiros períodos, pois existem pesquisas que atestam a permanência do uso de instrumentos líticos pelos indígenas missionados. Além disso, marcas de abrasão em colunas da época missioneira são evidências do uso destes elementos arquitetônicos para a afiação de líticos utilitários pelos indígenas que aqui ficaram após o fim da experiência missional na região, quando a maioria dos indígenas migrou para o oeste do rio Uruguai. Nossa decisão metodológica para estes casos foi a de inserir estes elementos na categoria indeterminado, pois mais pesquisas precisam ser realizadas para se averiguar os contextos em que foram encontrados.

Por enquanto, não classificamos nenhum vestígio lítico e/ou cerâmico como pré-missioneiro devido ao fato de que não temos certeza da datação

destas categorias vestigiais no Quadrilátero Missioneiro. Mais estudos precisam ser realizados para termos certeza da cronologia destes elementos.

A tabela abaixo apresenta as quantificações de nossa análise cronológica.

Análise Cronológica		
Período	Quantidade de fragmentos	Porcentagem do Total (valor aproximado)
Missioneiro	17.492	72,08%
Indeterminado	5.814	23,97%
Repovoamento	597	2,46%
Recente	355	1,46%
TOTAL	24.258	100%

O fato de que quase três a cada quatro vestígios arqueológicos em nossa reserva técnica pertencerem ao período missioneiro indica não somente o quão rica era a cultura material da época, mas também escolhas metodológicas, que enfatizam a coleta de vestígios deste período em nossas atividades de campo. Contudo, ao compararmos as porcentagens de vestígios do período missioneiro com os do repovoamento, período com o qual também temos grande interesse em pesquisar e que, portanto, estamos atentos para realizar coletas efetivas que nos permitam ter uma compreensão adequada deste momento da história local, veremos que as diferentes quantidades indicam a disparidade populacional da área do Quadrilátero Missioneiro nestas duas fases de nossa história.

Também chama a atenção a grande quantidade de vestígios que estão classificados na categoria cronológica indeterminada. A maior parte destes vestígios é constituída de ossos de animais. Isso se deve ao fato de que ainda não tivemos tempo suficiente para analisar os cadernos de campo das intervenções arqueológicas realizadas antes de 2024 com a devida atenção a fim de verificar as possíveis correlações entre vestígios ósseos e os cerâmicos e rochosos da época missioneira. A estratigrafia extremamente perturbada de muitos lugares no Quadrilátero Missioneiro é a nossa principal barreira para se fazer esta correlação. Neste momento, preferimos manter os vestígios ósseos de animais na categoria indeterminada a fim de não atribuímos erroneamente vestígios de uma época a uma outra época.

É possível que alguns fragmentos de cerâmica utilitária Guarani, assim como alguns fragmentos de lítico utilitário sejam do período pré-missionário. Por enquanto, não temos como distingui-los, o que tentaremos em etapa subsequente de nossa pesquisa. Portanto, os dados apresentados na tabela acima podem sofrer modificações conforme nosso conhecimento for aumentando.

A categoria cronológica recente é caracterizada por materiais de funcionalidades diversas que foram coletados a fim de servirem de provas materiais da perturbação da estratigrafia arqueológica na área pesquisada.

10.5 Análise funcional

Esta análise visa classificar os vestígios em categorias funcionais, isto é, as funções desempenhadas pelos objetos em seus contextos originais. Como estamos na fase inicial de nossa pesquisa, preferimos classificar os vestígios em apenas quatro categorias:

- **Construtiva** (vestígios utilizados com propósitos de formação das edificações. Exemplos: tijolos, telhas, rochas usadas para formação de alicerce etc.);
- **Utilitária** (vestígios utilizados com propósitos de uso cotidiano em objetos móveis. Exemplos: vasilhames para acondicionar sólidos ou líquidos, ferramentas, etc.);
- **Alimentícia** (vestígios que denotam função alimentar. Exemplos: ossos de animais);
- **Indeterminada** (vestígios que não conseguimos interpretar suas funções);
- **Ritual** (vestígios que denotam uso funerário e/ou ritualístico, tais como ossos humanos).

Conforme nosso conhecimento for aumentando com o andamento de nossa pesquisa, verificaremos a possibilidade de aperfeiçoar esta classificação.

A tabela a seguir apresenta nossa classificação:

Análise Funcional		
Categoria Funcional	Quantidade de Fragmentos	Porcentagem do Total (valor aproximado)
Utilitária	12.354	50,93%
Construtiva	9.274	38,23%
Alimentícia	2.090	8,62%
Ritual	106	0,44%
Indeterminada	434	1,79%
TOTAL	24.258	100%

A tabela mostra que há um equilíbrio entre vestígios pertencentes às categorias funcionais utilitária e a construtiva. Isso é possivelmente devido ao fato de que, ao menos em nossas observações preliminares, ambas as categorias são dominadas por fragmentos cerâmicos. A maior quantidade de fragmentos de função utilitária talvez se deva ao fato de se fragmentarem em pedaços menores do que os de função construtiva, mas esta observação carece de aprofundamento para se confirmar.

Ao somarmos os vestígios que apresentam funções utilitárias e construtivas, a soma atinge 21.628 fragmentos, o que constitui aproximadamente 89,16% do total dos vestígios guardados em nossa reserva técnica. Se atentarmos para o fato de que os vestígios de função alimentícia somam aproximadamente 8%, verificamos que existe uma proporção aproximada de 6 vestígios utilitários para cada vestígio alimentar. Seria interessante verificar se o mesmo padrão se repete em outras pesquisas em reduções Jesuítico-Guarani.

ESTRATIGRAFIA

Antes de apresentarmos uma síntese dos dados de nossa pesquisa, temos que apresentar uma breve análise da estratigrafia que encontramos no Quadrilátero Missioneiro.

A estratigrafia arqueológica é o estudo das diferentes camadas (estratos) que se formam no solo, rocha ou no sedimento acumulado em um sítio arqueológico. Sua importância está em informar sobre as condições ambientais de cada fase de ocupação humana numa determinada área, além dos períodos de abandono e repovoamento dessa área. Ela também informa sobre as alterações que uma construção mais recente causou numa construção mais antiga e, também, como essa área foi soterrada com a passagem do tempo.

Em condições ideais, tais como aquelas em que um sítio arqueológico é soterrado de maneira tranquila, ao longo de muitos anos, por uma camada de sedimentos facilmente reconhecível das demais camadas que formam um perfil estratigráfico, isto é, uma “parede” de solo, rocha e/ou sedimento, a estratigrafia será de fácil interpretação. Isso porque terá fronteiras nítidas entre os estratos, permitindo uma “leitura” das mudanças ambientais ao longo do tempo.

Entretanto, essas condições ideais são raras. Na maioria das vezes, o que os arqueólogos encontram são estratigrafias “perturbadas” por processos naturais e sociais que misturam camadas distintas. Um exemplo é quando uma árvore cresce dentro de um sítio arqueológico. Suas raízes, ao crescerem dentro do solo ou do sedimento, “bagunçam” os estratos, podendo movimentar os fragmentos arqueológicos mais antigos para próximo da superfície e os mais recentes para estratos mais abaixo.

Outro fator é quando uma ocupação humana mais recente, ao revolver o solo, sedimento ou rocha que compõem uma camada estratigráfica com vestígios de uma ocupação mais antiga, tais como a aragem da terra ou a realização de escavações para fins construtivos e funerários, invade e redistribui os vestígios arqueológicos desta camada. Torna, assim, a “leitura” dos diferentes momentos de ocupação humana de um determinado lugar em algo muito desafiador.

Em nossas pesquisas no Quadrilátero Missioneiro, é muito comum encontrarmos estratigrafias complexas, pois o processo de urbanização da área impactou severamente os estratos arqueológicos, trazendo material

missioneiro para a superfície e levando material recente para a profundidade. Outro fator complicador é quando percebemos que material missioneiro foi deslocado de uma posição mais acima para uma mais abaixo da colina sobre a qual o Quadrilátero Missioneiro está localizado. Isso é decorrente de processos de nivelamento de terrenos para futuras construções.

Devido a esses e outros fatores complicadores da interpretação estratigráfica, estamos utilizando um conceito que tem nos ajudado bastante a compreender a estratigrafia do Quadrilátero Missioneiro e, principalmente, a conectá-la com a estratigrafia do mundo inteiro. Este conceito é o de tecnoestratigrafia e foi desenvolvido a fim de dar um nome a cada vez mais espessa camada de artefatos tecnológicos que cobre o planeta. Ele surgiu no seio das discussões sobre o Antropoceno e é muito útil para explicar uma propriedade emergente do Sistema Terra, que pode ser entendido como o sistema de “funcionamento” de nosso planeta.

Não restam dúvidas de que tudo o que o ser humano produziu através do tempo: cidades, represas, rodovias, ferrovias, monoculturas etc., formou uma camada estratigráfica reconhecível sobre as camadas naturais. Tecnoestratigrafia é o nome desta camada produzida pelo ser humano. Portanto, ela pode ser entendida como uma unidade estratigráfica reconhecível do Sistema Terra que pode ser subdividida em diversos seguimentos, cada um representado por tecnologias diferentes. Nos casos de deslocamento de material missioneiro junto com materiais de outras épocas para áreas mais abaixo da colina onde está o Quadrilátero Missioneiro, o que torna impossível diferenciar camadas específicas de ocupação humana, optamos por enquadrar todo o perfil no conceito de tecnoestratigrafia.

Embora estejamos nos momentos iniciais de nossa pesquisa, um padrão começa a ser percebido em nossas atividades de campo. Observamos que a estratigrafia das intervenções arqueológicas pode ser dividida em três categorias, que representam compartimentos ambientais e que, portanto, estão diretamente relacionados à localização de cada intervenção na colina onde o Quadrilátero Missioneiro está localizado. Os compartimentos ambientais são:

1. **Topo:** constituído pela área mais elevada da colina onde se localiza o Quadrilátero missioneiro
2. **Alta vertente:** área contígua ao topo onde o terreno começa a declinar em todas as direções
3. **Média vertente:** a área contígua à alta vertente onde a inclinação se torna mais íngreme

Para melhor visualização do esquema apresentado acima, elaboramos via inteligência artificial, uma imagem ilustrativa que ajuda a compreender a divisão de uma colina em topo, alta vertente, média vertente e baixa vertente.



Aqui, é importante ressaltar que o Quadrilátero Missionário não atinge a baixa vertente da colina. Outro fator que precisa ser lembrado é que estes compartimentos ambientais são, por enquanto, arbitrários. Em etapa subsequente de nossa pesquisa, tornaremos esta classificação mais cientificamente rigorosa.

No subcapítulo a seguir, apresentaremos o estudo preliminar da estratigrafia de cada um desses compartimentos ambientais.

11.1 Média vertente

A estratigrafia das intervenções de média vertente, principalmente as mais distantes da Catedral Angelopolitana, não apresenta evidências de uma camada de ocupação do período missionário. Os vestígios destas intervenções são de época recente. O solo natural ocupa a quase totalidade do perfil estratigráfico. A imagem abaixo é um exemplo de estratigrafia de média vertente



A imagem acima pertence à intervenção A39, distante 537 metros ao sul do frontispício da Catedral Angelopolitana, no limite sul do Quadrilátero Missioneiro. Esse perfil estratigráfico de 50 cm de profundidade por um metro de comprimento mostra ausência de camadas de ocupação humana, pois todo ele é composto de solo natural, contendo apenas alguns poucos resíduos de cerâmica construtiva recente próximos à superfície.

11.2 Alta vertente

As intervenções de alta vertente apresentam estratigrafias complexas caracterizadas por vestígios de diferentes épocas nos primeiros 50 centímetros de profundidade. Isso fortalece a interpretação de que são provenientes de movimentação de solo para fins de nivelamento de terreno.

A imagem a seguir pertence à intervenção A31(b), localizada na alta vertente da colina a, aproximadamente, 250 metros a sudeste do frontispício da Catedral Angelopolitana e mostra uma camada de cerca de 50 cm de profundidade, contendo material missioneiro (principalmente fragmentos de telhas), misturado com materiais de épocas mais recentes. A imagem abaixo, também gerada por inteligência artificial, ajuda a explicação, com mais detalhes, a estratigrafia das intervenções de alta e média vertente.



A imagem a seguir à movimentação de material arqueológico de áreas mais acima da colina para áreas mais abaixo. Nela, é possível perceber que o processo de nivelamento do terreno sobre o qual a casa foi construída é constituído por material arqueológico.



Tal situação gera uma dificuldade de interpretação da estratigrafia das intervenções de alta e média vertente da colina sobre a qual se assenta o Quadrilátero Missioneiro, pois não temos certeza da localização inicial dos vestígios; isto é, da localização deles no momento em que foram abandonados na redução.

11.3 Topo da colina

As intervenções do topo da colina são caracterizadas por uma estratigrafia mais nítida, pois é menor a movimentação de material arqueológico para a criação de aterros com finalidade de nivelamento de terreno. Entretanto, isso não, necessariamente, significa que essas estratigrafias não sejam desafiadoras, pois intervenções no solo foram uma constante no Quadrilátero Missioneiro, desde meados do século XIX. Contudo, pelo menos no único caso em que a atual equipe realizou uma intervenção arqueológica no topo da colina, foi possível verificar a existência de extensas camadas completamente horizontais, o que facilitou a identificação dos estratos do período missioneiro e do repovoamento.



A imagem acima pertence à intervenção recente que ainda não recebeu um código alfanumérico e cujos dados ainda estão sob análise inicial. Portanto, ela não está representada neste livro. Pretendemos trazer os dados dessa intervenção em uma futura publicação. Na imagem, é possível verificar

a existência de rochas que, no século XVIII, foram utilizadas como base de esteio de uma residência missioneira. Pouco acima das rochas, encontramos uma quantidade significativa de vestígios missioneiros, como fragmentos de telhas e cerâmica utilitária. A alguns poucos centímetros acima dessa camada, encontramos terra escurecida e com pouca densidade de material arqueológico. Interpretamos essa camada como sendo parte de um jardim ou horta que existiu na área, na época de repovoamento de Santo Ângelo ou em data um pouco posterior.

Como forma de concluir este capítulo, o mais importante a dizer é que mais pesquisas precisam ser realizadas a fim de termos mais dados sobre a estratigrafia do Quadrilátero Missioneiro.

SÍNTESE DOS DADOS E BREVÍSSIMA INTERPRETAÇÃO ARQUEOLÓGICA

Este capítulo visa apresentar uma síntese de todo o material contido em nossa reserva técnica, a fim de termos uma interpretação preliminar do processo de urbanização da área do Quadrilátero Missioneiro. É preciso ressaltar que a esses dados quantitativos se juntam dados observacionais coletados em nossas atividades de campo realizadas durante as intervenções. Também é preciso ter em mente que os dados arqueológicos dialogam com os documentos históricos sobre a urbanização do centro do município, assim como com dados sobre as mudanças nos ecossistemas em escala mundial no decorrer dos últimos séculos, formando um conjunto interdisciplinar fundamental para o entendimento de nossa realidade atual. Como ainda estamos dando os primeiros passos numa longa jornada de pesquisas arqueológicas no NArq/MMJOM, o que faremos aqui é apresentar uma brevíssima interpretação dos dados arqueológicos até o presente momento coletados. Para isso, apresentamos a tabela abaixo, que contém todo o material arqueológico originário do Quadrilátero Missioneiro.

LISTA GERAL ATUALIZADA MATERIAIS

CATEGORIA VESTIGIAL	QUANTIDADE DE FRAGMENTOS	PORCENTAGEM DO TOTAL (VALOR APROXIMADO)
CERÂMICA CONSTRUTIVA JESUÍTICO-GUARANI	6.267	25,83%
CERÂMICA UTILITÁRIA JESUÍTICA-GUARANI	4.624	19,06%
CERÂMICA UTILITÁRIA GUARANI	4.355	17,95%
LÍTICO CONSTRUTIVO	2.064	8,51%
LOUÇA	1.938	7,99%
OSSO ANIMAL	1.708	7,04%
VIDRO	782	3,22%

CATEGORIA VESTIGIAL	QUANTIDADE DE FRAGMENTOS	PORCENTAGEM DO TOTAL (VALOR APROXIMADO)
CERÂMICA CONSTRUTIVA DO REPOVOAMENTO	597	2,46%
METAL	497	2,05%
DENTE DE ANIMAL	382	1,57%
CERÂMICA CONSTRUTIVA RECENTE	246	1,01%
ECOFATO	125	0,52%
OSSO HUMANO	106	0,44%
CERÂMICA CONSTRUTIVA INDETERMINADA	91	0,38%
CERÂMICA UTILITÁRIA INDETERMINADA	79	0,33%
MATERIAL RECENTE	72	0,30%
ESCÓRIA DE FERRO	70	0,29%
ESFERAS LÍTICAS	64	0,26%
CARVÃO	50	0,21%
MADEIRA	49	0,20%
LÍTICO UTILITÁRIO	38	0,16%
CERÂMICA UTILITÁRIA RECENTE	29	0,12%
PLÁSTICO	8	0,03%
LÍTICO CONSTRUTIVO DECORATIVO JESUÍTICO-GUARANI	7	0,03%
COURO	3	0,01%
ADOBE	3	0,01%
AMOSTRA DE SOLO	2	0,01%
COURO E METAL CONJUGADOS	1	0,00%
MADEIRA E METAL CONJUGADOS	1	0,00%
TOTAL GERAL	24.258	100%

Brevíssima Interpretação Arqueológica: O que mais chama a atenção, ao observamos a tabela, é a enorme quantidade de material cerâmico. Ao total 75,13% de todos os vestígios são constituídos por esse componente. A resistência desse material aos efeitos da passagem do tempo é um dos fatores que ajudam a explicar a enorme quantidade desse tipo de vestígio, mas está longe de ser o único. Não restam dúvidas de que a maior parcela dos fragmentos cerâmicos de nossa “sala do tesouro” é proveniente da atividade missioneira, embora essa observação se baseie apenas em dados observacionais. Temos certeza de que os vasilhames cerâmicos, ladrilhos e telhas constituíam os objetos mais comuns no tempo na redução de Santo Ângelo Custódio.

A produção de artefatos cerâmicos, sejam eles de função construtiva ou utilitária, demanda uma enorme quantidade de lenha para serem produzidos. Uma estimativa interessante é a apresentada pelos estudos de Frederico Silva Thé Pontes (1995), que afirma que cada tijolo ou telha produzidos de forma tradicional pode demandar entre 0,3 e 0,8 kg de lenha. Análises mais aprofundadas ainda precisam ser feitas, para termos cálculos referentes ao impacto ecológico da produção cerâmica nas olarias missioneiras, o que conseguiremos após pesagem de todos os vestígios cerâmicos desta categoria cronológica e sua devida correlação com a quantidade de lenha necessária. Todavia, já é possível afirmar que a demanda por ladrilhos e telhas nas reduções constituiu um impacto ecológico considerável. Em termos culturais, como os Guarani encaravam esse aumento vertiginoso do corte de árvores para a produção de lenha? É possível que indígenas mais apegados às suas tradições culturais percebessem a enorme demanda de lenha exigida para se construir objetos que nunca foram necessários, tais como os ladrilhos e telhas. Também é possível que comentários e reclamações sobre essa demanda tenham sido feitos pelos indígenas aos jesuítas, mas podem ter sido ignoradas. O fato concreto é que a produção “industrial” de tais artefatos modificou, de forma indireta, o regime de fogo de todo o noroeste gaúcho. Por regime de fogo queremos dizer o “comportamento” que o fogo possui em uma determinada paisagem, incluindo sua sazonalidade, frequência, intensidade, origem (natural e/ou antrópica), resiliência da vegetação etc. Com o estabelecimento das reduções da segunda fase missioneira, houve um claro aumento do consumo de biomassa destinada à produção de energia térmica. Sabemos que florestas úmidas, tais como a Mata Atlântica, possuem um regime de fogo reduzido. Entretanto, a energia térmica necessária para a produção de ladrilhos e telhas nas reduções ocasionou uma mudança significativa nesse aspecto, pois é evidente que antes da instalação das olarias e dos fornos jesuíticos, muito menos lenha era queimada.

Uma outra categoria que apresenta uma interpretação interessante é a dos líticos construtivos. Exceto em alguns lugares no Quadrilátero Missioneiro, onde o itacuru aparece em sua forma natural de depósito laterítico, sua aparição vem acompanhada por basalto e arenito, formando uma extensa rede de alicerces das edificações missioneiras. Entretanto, essa rede marca muito mais que o ponto inicial de uma edificação, mas a “fronteira” entre o espaço natural e o espaço construído. Embora, tanto o itacuru quanto o basalto e o arenito sejam materiais naturais, suas presenças em disposições horizontais no subsolo marcam uma transição ecológica disruptiva. Em termos metafóricos, podemos dizer que eles são as “raízes pétreas” de um “novo mundo”, caracterizado por uma ecologia diferente e, infelizmente, empobrecida.

O uso da pedra em construções da época missioneira possui uma forte carga simbólica entre os Guarani. De acordo a cosmologia desta população indígena, a pedra é um elemento imperecível, qualidade que se liga ao universo do sagrado. Diversos antropólogos já analisaram a oposição perecível/imperecível entre os Guarani, mostrando que ela funciona como um dos fundamentos estruturais desta cultura. Um estudo de caso interessante é o apresentado pelo IPHAN, no livro **TAVA: Lugar de Referência Para o Povo Guarani (2019)**, no qual as ruínas da igreja de São Miguel são compreendidas pelos Guarani que possuem uma aldeia na região como uma *Opy*, isto é, uma casa de reza, construção típica Guarani feita com materiais perecíveis, tais como taquara e barro. De acordo com a tradição Guarani, quando o *Karai* (Xamã) que conduz os rituais numa *Opy* atinge o estado de perfeição (*aguidje*), ele transcende o estado de perecibilidade que caracteriza a condição humana. O mesmo acontece com a *Opy*, que se transforma em pedra. A partir dessa perspectiva, podemos interpretar que o material lítico construtivo de nossa reserva técnica constitui muito mais do que o alicerce de edificações missioneiras, mas algo com uma carga simbólica muito mais intensa. Entretanto, não temos como afirmar que o uso de pedras para a construção de casas dos indígenas missionados possui a mesma carga simbólica das pedras com as quais as igrejas missioneiras foram construídas. Esse é um tema, ainda, a ser debatido na comunidade arqueológica em colaboração com os próprios Guarani.

No que tange aos ossos de animais, que é uma das categorias vestigiais que mais nos têm assustado, muito embora tenha passado por uma análise superficial que não nos permite chegar a nenhuma conclusão cientificamente válida, é plenamente observável o fato de que eles parecem pertencer a um número muito reduzido de espécies. É amplamente conhecido o fato de que a Mata Atlântica, bioma em que Santo Ângelo está inserido, é um dos mais biodiversos do mundo. Entretanto, não estamos encontrando os sinais ósseos

dessa biodiversidade. Mas é melhor esperarmos até que uma análise mais aprofundada desta categoria vestigial seja realizada para poder afirmar se isso é verdade ou não. Contudo, no que concerne aos dentes de animais, categoria na qual já realizamos uma análise mais detalhada e que pretendemos publicar futuramente, os gritos de alerta de uma crise ecológica, sem precedentes em escala mundial, podem ser dolorosamente ouvidos. Apenas cinco espécies foram identificadas através de seus vestígios dentários, sendo quatro espécies alóctones, ou seja, não naturais à Mata Atlântica, e apenas uma espécie nativa. As espécies alóctones são o boi, o cavalo, o porco e o javali, já a espécie nativa é o caititu, animal também conhecido pelos nomes de queixada e cateto. Tal constatação nos leva a afirmar que um processo de substituição faunística teve lugar na área do Quadrilátero Missioneiro a partir, pelo menos, do século XVIII.

A preocupação que tal observação laboratorial levanta está diretamente relacionada a ideias que ganharam notoriedade científica nos últimos anos. Essas ideias são a de Antropoceno e Sexta Extinção em Massa.

A ideia de Antropoceno, em resumo, é aquela que defende que o impacto da humanidade sobre a ecologia de todo o mundo atingiu um nível tão elevado que já podemos dizer que estamos vivendo numa nova época geológica. Esta nova época da história de nosso planeta é caracterizada, entre muitas coisas, pela crescente homogeneidade faunística entre regiões distantes umas das outras. Em outras palavras. As faunas nativas dos continentes estão sendo substituídas por uma espécie de fauna “genérica”, comum a todo o mundo e caracterizada por animais criados pela indústria alimentícia, tais como o boi, a galinha e o porco. Se atentarmos para essa perspectiva, veremos que a introdução do gado bovino pelos jesuítas no atual território do Rio Grande do Sul no século XVII constitui a raiz de um problema ecológico de grandes proporções. Em termos simbólicos, como os Guarani, missionados ou não, compreendiam esse processo de chegada de animais desconhecidos nos territórios que tão bem conheciam? Ainda não temos resposta a esse questionamento.

A ideia de Sexta Extinção em Massa é aquela que defende que o atual ritmo de extinções de espécies é tão elevado que está levando o planeta a uma crise ecológica cuja única comparação possível é com as extinções em massa do passado distante da Terra, que aniquilaram a maior parte das espécies existentes num curto período de tempo em termos geológicos; isto é, entre centenas de milhares e alguns poucos milhões de anos. Para termos uma ideia do quão impactante é uma extinção em massa, basta lembrarmos que a quinta dessas extinções ocorreu há aproximadamente 66 milhões de anos, dando fim

ao reinado dos dinossauros. Estamos realmente vivenciando um processo de extinção em massa? Como a sociedade Guarani percebia o impacto ecológico da introdução de novas espécies em seu território tradicional e a consequente diminuição das espécies nativas diante do avanço das espécies introduzidas pelos jesuítas? Teria algum jesuíta percebido uma certa inquietação de algum indígena sobre o tema? Essas questões são importantes para conhecermos melhor o processo de encontro de duas sociedades muito distintas que, de modo abrupto, passaram a compartilhar de uma mesma paisagem.

Ainda não temos respostas a estas indagações. Mais pesquisas precisam ser feitas para podermos alcançar algum nível de compreensão sobre este fenômeno que não é apenas ecológico, mas também cultural, agindo no nível simbólico de cada indígena missionado que via a fauna nativa ceder espaço à fauna introduzida pelo jesuíta.

A lida com os animais, seja através da caça ou do pastoreio, é representada pela presença de materiais classificados como líticos utilitários. Entre esses, existem 32 boleadeiras e 33 esferas líticas que, em nossa hipótese, são matéria-prima para a confecção de boleadeiras. Ainda não temos condições de apresentar uma análise mais relevante dessa categoria vestigial, pois, como já repetido em outras ocasiões neste livro, estamos nos passos iniciais de nossa pesquisa.

Os ossos humanos presentes em nossa reserva técnica constituem uma categoria que pode revelar inúmeros detalhes da vida cotidiana da redução. Estamos procurando neles por marcas que indiquem a presença de atividades laborais intensas, desnutrição, quadros gerais de saúde, gênero e idade de morte. É uma categoria que deve ser analisada com extremo cuidado. Outro fator relevante é a distribuição espacial deste tipo de vestígio na área do Quadrilátero Missioneiro. Dos 106 fragmentos de ossos humanos, 100 são provenientes do cemitério que existia ao lado da igreja missioneira no século XVIII, enquanto outros 6 fragmentos são provenientes de outras partes da área pesquisada. É possível que esses 6 fragmentos sejam provenientes de sepultamentos realizados durante a fase de repovoamento de Santo Ângelo no século XIX, mas ainda não possuímos informações suficientes para afirmar isso.

No que tange às categorias de louça, vidro e metal, elas, aparentemente, são dominadas por fragmentos de objetos mais recentes. Ainda não podemos afirmar isso, pois análises mais refinadas ainda precisam ser feitas, principalmente nas categorias dos vidros e dos metais. Esses podem possuir elementos da época missioneira, que não foram percebidos neste primeiro momento de nossa pesquisa. Contudo, no decorrer do processo de contagem

e classificação dos fragmentos, não percebemos a presença significativa de vestígios vítreos e metálicos que sejam anteriores ao final do século XIX e início do XX. Todos eles parecem pertencer a esses últimos séculos.

A época do repovoamento de Santo Ângelo no século XIX é representada por um conjunto expressivo de material cerâmico construtivo. O que chama a atenção nesta categoria vestigial é que as telhas que cobriam as casas dos novos moradores do que um dia foi uma redução Jesuítico-Guarani eram bem menos robustas que as telhas missioneiras. Além disso, sua quantidade bem menor que a cerâmica construtiva Jesuítico-Guarani indica que apenas uma parcela da área urbana do espaço reducional foi reocupada. É possível que parte significativa dos vestígios vítreos e metálicos sejam dessa época, mas ainda é necessário se fazer uma análise mais atenta destes materiais para podermos afirmar isso.

Quanto aos ecofatos, é impossível classificá-los cronologicamente, pelo menos neste momento de nossa pesquisa, pois podem pertencer a qualquer um dos períodos em que dividimos nossa “história”. Nossa principal hipótese a respeito dos elementos desta categoria vestigial é a de que ela é parte da atividade de colecionismo, muito comum em toda a humanidade, que sempre foi curiosa a respeito de coisas diferentes. Outra hipótese é a de que os ecofatos representem matérias-primas raras que eram guardadas para se fazer algo especial.

No que tange ao material lenhoso, que inclui os vestígios de madeira e carvão, também estamos sendo parcimoniosos em atribuir uma classificação cronológica neste primeiro momento de nossa pesquisa. Existe a possibilidade de serem da época missioneira, mas precisamos de mais tempo para poder fazer esta classificação de maneira segura.

As escórias de ferro foram interpretadas como pertencentes à época missioneira, pois havia uma forja na redução, o que gerava esse subproduto. A distribuição deste material indica uma concentração nas proximidades da forja, que estaria localizada no pátio das oficinas.

Os fragmentos da cultura material mais recente possuem um potencial informativo relevante para um dos mais interessantes ramos da arqueologia, que é aquele que estuda o presente e o passado recente. Esse ramo, conhecido como arqueologia do presente e do passado contemporâneo, se debruça sobre a cultura material de nosso tempo para fazer uma análise das sociedades atualmente existentes. Ainda não tivemos o tempo necessário para iniciar um estudo deste material, o que pretendemos fazer futuramente, mas, com certeza, informações relevantes sobre o nosso tempo e, principalmente, sobre

o processo histórico que nos conduziu até aqui poderão ser acessados através desta pesquisa.

Nossa interpretação do material contido na reserva técnica ganha profundidade quando aplicamos a ele os conceitos de Tecnodiversidade e Tecnosfera. Tecnodiversidade é um conceito formulado pelo filósofo Yuk Hui e que pode ser entendido de duas formas: a primeira delas enfatiza sua diversidade, onde diferentes povos, a fim de enfrentar diferentes desafios socioambientais, desenvolveram diferentes tecnologias através do tempo, respeitando suas cosmologias e valores éticos, formando o que Hui classificou como cosmotécnicas. A outra forma de entendermos este conceito é a através de sua contraposição ao conceito já muito difundido de Biodiversidade. Se a Biodiversidade é a diversidade das formas de vida, a Tecnodiversidade é a diversidade de formas técnicas. Essa contraposição ajuda a compreender os desafios ambientais de nosso tempo, pois ele é caracterizado pelo aumento expressivo da Tecnodiversidade e pela alarmante diminuição da Biodiversidade.

O conceito de Tecnosfera foi formulado pelo geólogo Petter Haff para descrever a camada de objetos, infraestruturas e dejetos tecnológicos que cobre o planeta atualmente. (ZALASIEWICZ et al., 2016; LEMMENS e HUI, 2017; HAFE, 2014; MILSUM, 1968; SANTOS, 2006). Neste livro, a Tecnosfera é entendida como o fruto de uma interação complexa entre a biosfera, a litosfera, a hidrosfera e a atmosfera. Devido a essa característica interacional, ela pode ser considerada como a mais dinâmica e complexa das muitas “esferas” do sistema Terra. Além disso, por seu desenvolvimento disruptivo na história planetária, ela pode ser considerada como uma propriedade emergente do sistema Terra.

A importância da aplicação do conceito de Tecnodiversidade a nossa pesquisa está tanto em compreender como a tecnologia europeia, apresentada aos Guarani pelos jesuítas através, principalmente, de lâminas metálicas de machado, chamadas de cunha nos textos jesuítas, teve impacto significativo sobre a tecnologia Guarani e, conseqüentemente, sobre a ecologia do território que ocupavam. É importante ressaltar que as lâminas metálicas de machado se tornaram objeto de desejo dos indígenas, pois, com elas, podiam ampliar seu potencial produtivo ao derrubarem árvores mais rapidamente para a abertura de áreas destinadas à produção agrícola. Por esse motivo, o bom relacionamento com os jesuítas significava o provimento de mais lâminas metálicas de machado. Nessa perspectiva, é relevante pensar que a “conversão” do Guarani ao catolicismo possa ser relativizada, pois havia muito mais do que interesse na “salvação da alma” entre os indígenas, mas no aumento de sua

capacidade econômica. não necessariamente para o aumento da produção, mas para a diminuição do esforço na árdua tarefa de abrir espaço para as roças.

As cunhas metálicas, num primeiro momento, talvez fossem instrumentos de “conversão” mais eficazes que os sermões dos padres. Essa hipótese é central para a arqueologia, pois indica o quanto a cultura material é um fator social relevante. Mesmo quando um grupo não consegue se comunicar com outro devido às diferenças linguísticas, objetos podem ser usados na tentativa de se realizar um primeiro contato pacífico. Quando a utilidade de um objeto é percebida por um grupo que recebe uma tecnologia eficaz para uma determinada função, logo cresce o desejo por mais contato.

Entretanto, é possível que alguns Guarani tenham percebido que a introdução de novos objetos em suas aldeias pelos “estrangeiros” era uma espécie de armadilha que ameaçava suas tradições culturais. A tecnologia Guarani tinha se provado eficaz para garantir seu modo de vida por milênios, mas agora enfrentava a competição de uma tecnologia completamente outra, mais eficaz em termos ergonômicos, mas que apresentava uma ameaça cosmotécnica inquietante. Em termos simbólicos, as lâminas metálicas de machado podem ter servido não apenas para facilitar o corte de árvores, mas também para facilitar o “corte” da unidade das aldeias Guarani ao criar uma oposição entre grupos favoráveis ao contato mais frequente com os jesuítas com grupos favoráveis à manutenção de seu modo de vida tradicional.

Já o conceito de Tecnosfera nos ajuda a entender as mudanças ambientais disruptivas que podemos perceber tanto na análise dos materiais em nossa reserva técnica quanto em nossas observações de campo. Se atentarmos para a data de início da construção da redução de Santo Ângelo Custódio em seu local definitivo (1707), veremos que pouco mais de três séculos se passaram desse evento até a data de publicação deste livro. Nesse período, a totalidade da colina onde se instalou a redução e onde, mais tarde, se instalou o centro da cidade, sofreu uma modificação ambiental de grandes proporções que só podem ser explicadas com o conceito de Tecnosfera. Sabemos que a agropecuária constitui a principal atividade econômica não só do município de Santo Ângelo, mas também de todo o noroeste gaúcho. A pergunta que emerge desta constatação é: quais espécies vegetais e animais são as mais cultivadas e criadas em toda esta parte do Rio Grande do Sul?

A soja, espécie vegetal de origem asiática, aparece como o principal cultivo do noroeste gaúcho, superando o milho, que tem origem no continente americano. Mas como a soja, que é originária da Ásia, se tornou tão abundante na região, superando as espécies vegetais nativas? A resposta se encontra no processo histórico de transferência de espécies de uma região do mundo para

outras, a fim de melhor aproveitamento econômico das plantações. Essa transferência só foi possível por causa de embarcações cada vez mais eficientes que uniram biomas distintos, separados por enormes distâncias e vastos oceanos. Além dessas embarcações, todo um amplo conjunto de novidades tecnológicas, tais como estradas asfaltadas, ferrovias, portos gigantescos e veículos motorizados para transporte terrestre das crescentes produções agrícolas tiveram um papel fundamental na consolidação de uma nova ecologia em todo o planeta. Se somarmos esses elementos tecnológicos com a gigantesca infraestrutura voltada para a produção de energia e a urbanização crescente, veremos que quase toda a superfície planetária foi coberta por uma camada de materiais tecnológicos de espessura variável, sendo fina nas áreas de preservação ambiental, mas extremamente grossa nas áreas mais urbanizadas. Eis a Tecnosfera, palco da maior parte da vida humana atual. Ambiente que proporcionou ao *Homo sapiens* um crescimento populacional hiperbólico, mas, por outro lado, está ocasionando um preocupante processo de extinção em massa de espécies nativas, homogeneizando a fauna e flora de regiões que tinham faunas e floras bem diferenciadas.

No que concerne aos animais, a região foi tomada por extensos rebanhos de gado bovino, ausentes do continente americano antes da chegada dos colonizadores europeus e, em menor medida, por galináceos e suínos, igualmente representantes de uma fauna alóctone. Nesse processo, a fauna nativa passa por um risco real de extinção, tendo que enfrentar a rápida diminuição e fragmentação de seus habitats, o que tem por resultado a rápida diminuição de suas populações. Eis novamente a Tecnosfera em ação, pois a resposta de como espécies animais de outros continentes foram transferidas para a América do Sul se encontra no potencial tecnológico de unificar biomas dispersos por grandes distâncias.

Numa perspectiva pautada no conceito de Tecnosfera, cada um dos vestígios arqueológicos presentes em nossa reserva técnica se torna um fragmento de algo muito maior, capaz de gerar uma camada sobre a superfície planetária e ocasionar mudanças ecológicas em escala mundial. O estudo que realizamos no NArq/MMJOM nos ajuda a compreender a expansão dessa camada, mostrando seus processos de diversificação, expansão geográfica, expansão numérica, evolução, aperfeiçoamento, impacto ecológico e retração episódica.

Enfim, demos o primeiro passo em nossa pesquisa. Muita coisa ainda precisa ser feita. Esperamos que este livro possa ser a semente de uma grande árvore cheia de galhos e frutos, na qual o interesse pelo passado de Santo Ângelo possa frutificar em quem o lê.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados arqueológicos apresentados e brevemente interpretados no decorrer deste livro se configuram como uma etapa inicial de um longo trabalho de pesquisa que visa não apenas elucidar nosso passado, mas também servir de parâmetro para políticas públicas de longo prazo, pois nada melhor que planejar o futuro provido das lições do passado. Neste sentido, é importante ter em mente que as transformações tecnológicas, sociais e ambientais dos últimos quatro séculos no noroeste do Rio Grande do Sul constituem uma trajetória tanto ecológica quanto social e tecnológica. Em outras palavras, vivemos uma época de rápidas transformações em todos os aspectos, que podem tanto trazer mudanças benéficas quanto maléficas à nossa existência enquanto sociedade.

Se fôssemos obrigados a resumir os quatro séculos da chegada dos jesuítas à região, o seu contato com os povos nativos, principalmente os Guarani, e as transformações ecológicas que surgiram deste encontro em uma única palavra, esta palavra seria **disrupção**. De acordo com os dois primeiros significados do dicionário Michaelis, disrupção significa:

1. Ato ou efeito de romper(-se), disrupção, fratura.
2. Quebra de um curso normal de um processo.

Escolhemos essa palavra para resumir nossa interpretação dos vestígios arqueológicos presentes em nossa reserva técnica porque ela expressa o que observamos tanto em nossas atividades de campo quanto de laboratório. Mas, o que observamos nessas nossas atividades?

O padrão que emerge de nossas observações é o de que há um nítido antes e depois da instalação das Missões Jesuíticas em nosso território. Os vestígios cerâmicos, ósseos, metálicos e líticos com finalidades construtivas constituem um marcador temporal muito evidente na estratigrafia do Quadrilátero Missioneiro. Podemos afirmar que havia uma ecologia regional antes da instalação da redução e uma completamente outra depois da instalação da redução. Uma verdadeira ruptura ecológica foi criada com o encontro entre jesuítas e Guarani. Essa ruptura encontrou um limite com o quase despovoamento da região após a guerra Guaranítica de meados do século XVIII, mas voltou a se estabelecer com a chegada de novos colonizadores à região, em meados do século XIX.

No que concerne à vida social na época missioneira, nossa interpretação é a de que os Guarani, assim como membros de outros povos indígenas

que, minoritariamente, faziam parte da população das reduções jesuíticas, viviam imersos num ambiente disciplinar intensivo, no qual os padres, através não apenas de sermões, mas também do controle do espaço através de uma arquitetura usada como ferramenta de poder (FOUCAULT, 2014) impunham um modo de vida que só foi aceito pelos indígenas devido ao fato de que as duas outras alternativas coloniais: o sistema de encomiendas e o sistema escravocrata bandeirante, eram muito piores. Em outros termos, os indígenas escolheram a estratégia de ceder em alguns aspectos para não perderem suas identidades e vidas no rolo compressor do colonialismo daquela época. Portanto, em nossa interpretação, a ação jesuítica era tão colonialista e etnocêntrica como as outras duas formas; sendo, porém, mais branda e humanizada.

É importante destacar que os Guarani missionados resistiram a tal processo através da manutenção não apenas de sua língua, que era falada pelos jesuítas, mas também pela manutenção de formas de produção da cerâmica utilitária. Entretanto, não há como negar que a sociedade Guarani foi **reconfigurada** pela presença jesuítica, passando a se organizar de modo radicalmente diverso do que fazia antes desse encontro.

No que tange ao período do repovoamento, ocorrido a partir de meados do século XIX (MACHADO, 1981), a primeira coisa que percebemos é que a cerâmica construtiva, principalmente as telhas, provenientes desse período são bem menos robustas que as da época missioneira. Além da perda da robustez, também nos chamou a atenção o pequeno número de vestígios desse período em relação ao período anterior. As poucas unidades residenciais do repovoamento contrastam com as muitas unidades residenciais que existiam na redução de Santo Ângelo Custódio, indicando o quanto o fim da experiência Jesuítico-Guarani representou o quase completo despovoamento da região.

Com o advento do século XX, conforme a área do Quadrilátero Missioneiro se tornava mais urbanizada, os vestígios deixados pelos Guarani missionados eram reutilizados de diversas formas. Em nossas análises estratigráficas, percebemos que a maior parte dos vestígios da época missioneira foi usada como entulho para a formação de aterros com o objetivo de nivelar terrenos. Essa constatação ocorreu devido à mistura de materiais de diferentes épocas que, com frequência, encontramos em nossas atividades de campo. Não poucas vezes, vestígios da época missioneira afloram na superfície, enquanto materiais de contextos mais recentes são encontrados em níveis mais abaixo. Também não é raro encontrarmos encanamento do século XX atravessando uma camada de vestígios missioneiros a poucos centímetros da superfície.

Muitos detalhes da vida cotidiana das pessoas que habitaram a redução de Santo Ângelo Custódio, assim como das pessoas que aqui se estabeleceram durante a fase de repovoamento de Santo Ângelo, ainda estão por serem descobertos. Também pouco sabemos sobre as pessoas que habitaram a região antes da chegada dos jesuítas, assim como dos moradores do início do século XX. O exame detalhado de cada categoria vestigial nos fornece informações relevantes para o entendimento das dinâmicas sociais de cada um destes períodos da história do município.

A fim de concluirmos este livro, gostaríamos de retomar a epígrafe: *“o que sabemos é uma gota, o que ignoramos é um oceano”*. Essa pequena frase, atribuída à Isaac Newton, serve como um reconhecimento da pequenez de nosso conhecimento, comparado àquilo que ainda não conhecemos. Por diversas vezes, o leitor foi informado do fato de que estamos nos passos iniciais de uma longa jornada de pesquisa. Isso é muito mais do que apenas uma demonstração de insegurança, mas um legítimo reconhecimento de nossas limitações diante do desafio nos colocado pelo registro arqueológico contido em nossa reserva técnica. Todavia, essa insegurança não nos envergonha e nem nos assusta. Pelo contrário, ela nos serve de motivação para nos aprofundarmos, cada vez mais, na fascinante busca da compreensão do passado de Santo Ângelo. A equipe do NArq/MMJOM continuará com sua pesquisa, coletando mais dados e refinando os já existentes, a fim de dar à população santo-angelense e ao público em geral respostas às suas indagações sobre o rico passado da região missioneira.

REFERÊNCIAS

AZARA, Félix de. Viajes Inéditos de Don Félix Azara, desde Santa Fé a la Asunción, el Interior del Paraguay, y los Pueblos de Misiones. Revista del Rio de la Plata, Buenos Aires, 1873

BROCHADO, José Proença; LAZZAROTTO, Danilo; STEINMETZ, Rolf. A Cerâmica das Missões Orientais do Uruguai: Um Estudo de Aculturação Indígena Através da Mudança na Cerâmica. In. **Anais do Terceiro Simpósio de Arqueologia da Área do Prata**. 1969

CARLE, Cláudio Baptista. Relatório de Levantamento, Salvamento e Monitoramento: Arqueologia e Valorização Patrimonial em Santo Ângelo Custódio. Cruz Alta, NArq UNICRUZ, 2006.

CARLE, Claudio Batista. Relatório das atividades arqueológicas realizadas no Sítio Santo Ângelo Custódio. IPHAN. 12º Coordenação Regional. Porto Alegre, 1997.

CARLE, Cláudio Baptista. **Metalurgia nas Missões – Uma Introdução**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História. 1993

CATAFESTO de SOUZA, José. Santo Ângelo: Custódia do “Patrimônio Missioneiro” e Conflitos de Identidade Étnica na “Capital” dos Sete Povos. In: 300 Anos da Redução Jesuítica de Santo Ângelo Custódio. 2007.

COPÉ, Sílvia Moehlecke.; BARRETO, James Macedo.; DA SILVA, Mariane. Moreira. 12.000 Anos de História: Arqueologia e Pré-História do Rio Grande do Sul (2013 – 2014). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/museu/wp-content/uploads/2021/06/12000-arquivo-catalogo.pdf>. Acesso em: 23/03/2026.

CORTELETTI. Rafael. Projeto Arqueológico Alto Canoas – Paraca: Um Estudo da Presença Jê no Planalto Catarinense. Tese de doutorado USP. 2012. Museu de Arqueologia e Etnologia. Programa de pós-graduação em Arqueologia.

DE FILIPPO, Raphael. A Arqueologia Passo a Passo. São Paulo: Claro Enigma, 2011.

DOS REIS, José Alberione. Não Pensa Muito que Dói. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010.

ELLIS, Erle C.; RAMANKUTTY, Navin. Putting people in the map: anthropogenic biomes of the world. *Frontiers in Ecological Environment*, n. 6, p. 439–447, 2008.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. / 39. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GOSDEN, Chris. What do Objects Want? *Journal of Archaeological Method and Theory*, v. 12, n. 3, September 2005.

HAFF, Peter. Technology as a geological phenomenon: Implications for human well-being. In: WATERS, Collin; ZALASIEWICZ, Jan; WILLIAMS, Mark; ELLIS, Michael. SNELLING, Andrea et al. (eds). *A stratigraphical basis for the Anthropocene*. Geological Society, London, Special Publications 395: 301–309, 2014.

HUI, Yuk. *The Question Concerning Technology in China: An Essay in Cosmotechnics*. Urbanomic, 2018.

KERN, Arno Álvarez. *Arqueologia Histórica Missioneira*. Porto Alegre: EDI-PUCRS, 1998.

LEMMENS, Pieter; HUI, Yuk. Reframing the Technosphere: Peter Sloterdijk and Bernard Stigler's Anthropotechnological Diagnoses of the Anthropocene. *Krisis*, n. 2, p. 26–41, 2017.

MACHADO, José Olavo. *História de Santo Ângelo: Das Missões Aos Nossos Dias*. Santo Ângelo, 1981.

MARRAS, Stelio. Por Uma Antropologia do Entre: Reflexões Sobre um Novo e Urgente Descentramento do Humano. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 69, p. 250–266, abr. 2018.

MILSUM, John. The technosphere, the biosphere, the sociosphere. *IEEE Spectrum*, v. 5, n. 6, p. 76–82, 1968.

NOELLI, Francisco Silva; A ocupação humana na região sul do Brasil: Arqueologia, debates e perspectivas. 1872-2000. In: *Revista USP*, São Paulo, nº 44, p. 218-269, dez/fev. 1999/2000.

PIPPI, Galdis Maria. *Redução de Santo Ângelo Custódio*. In: *300 Anos da Redução Jesuítica de Santo Ângelo Custódio*. 2007.

RECH, Raquel Machado. Programa de Acompanhamento e Monitoramento Arqueológico das Obras de Modificações na Praça Pinheiro Machado, Sítio Arqueológico da Antiga Redução de Santo Ângelo Custódio. Santo Ângelo: Convênio Técnico-Científico PMSA-URI, 2006.

RECH, Raquel Machado.; WOLSKI, M.; FOLETO, L. Esquema da sobreposição das igrejas dos sécs. XVIII, XIX e XX construídas no mesmo local no Centro Histórico de Santo Ângelo. In: RECH, R. *Relatório do Programa de Acompanhamento e Monitoramento Arqueológico das Obras de Modifica-*

ções na Praça Pinheiro Machado. Santo Ângelo: Convênio Técnico-Científico PMSA-URI, 2007.

RECH, Raquel Machado. Programa de Vistoria, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico de Obras no Centro Histórico de Santo Ângelo. Santo Ângelo: NArq-MMOM/SETUR/PMSA, 2008.

RECH, Raquel Machado. Projeto de Educação Patrimonial “Jornadas de Arqueologia Missioneira”. Santo Ângelo: NArq-MMJOM/SETUR/PMSA, 2009.

RECH, Raquel Machado.; FARIAS, C. O Projeto de Educação Patrimonial Jornadas de Arqueologia Missioneira. In: IBRAM. Educação Museal: Experiências e Narrativas: Prêmio Darcy Ribeiro 2010. Brasília: IBRAM, 2012. v. 1, p. 100–107.

RECH, Raquel Machado. Programa de Vistoria, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico de Obras no Centro Histórico de Santo Ângelo. Projeto apresentado à 12ª Superintendência do IPHAN e Prefeitura Municipal de Santo Ângelo-RS, 2010.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SCARAMELLA, Giovani. Onde está a Redução Jesuítica Missioneira? *Jornal das Missões*, p. 03, 15 dez. 1990.

SCARAMELLA, Nídia. Relatório de atividades arqueológicas realizadas em 1993, no pátio do Museu Municipal de Santo Ângelo. Santo Ângelo: SMEC, 1995.

SCHMITZ, Pedro Ignacio; El Guarani en Rio Grande do Sul: la colonización del monte y los frentes de expansión. In: *Pesquisas, Antropologia*, nº 32, pp. 185- 206. Instituto Anchieta de Pesquisas. 1981a.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; Indústrias Líticas en el sur de Brasil. In: *Pesquisas, Antropologia* nº 32, pp. 107-124. Contribuciones a la Prehistoria de Brasil. 1981b.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; O mundo da caça, da pesca e da coleta. In: **Documentos**, nº 05, 2ª edição, pp. 13-30. Instituto Anchieta de Pesquisas. 2006a.

SIMON, Mário. A Instalação da Redução de Santo Ângelo Custódio: O Imaginário Possível. In: *300 Anos da Redução Jesuítica de Santo Ângelo Custódio*. 2007.

TRIGGER, Bruce. História do Pensamento Arqueológico. São Paulo: Odys-

seus, 2004.

PONTES, Frederico Silva Thé. O Consumo de Lenha da Indústria Cerâmica: Da Ameaça Ambiental à Essencialidade da Industrialização (Um Estudo de Caso). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará, 1995.

ZALASIEWICZ, Jan; WILLIAMS, Mark; WATERS, Colin; BARNOSKY, Anthony; PALMESINO, John; RÖNNSKOG, Ann-Sofi; EDGEWORTH, Matt; NEAL, Cath; CEARRETA, Alejandro; ELLIS, Earle; GRINEVALD, Jacques; HAFF, Peter; IVAR DO SUL, Juliana; JEANDEL, Catherine; LEINFELDER, Reinhold; McNEILL, John; ODADA, Eric; ORESKES, Naomi; PRICE, Simon; REVKIN, Andrew; STEFFEN, Will; SUMMERHAYES, Colin; VIDAS, Davor; WING, Scott; WOLFE, Alexander. Scale and Diversity of the Physical Technosphere: A Geological Perspective. *The Anthropocene Review*, v. 4, n. 1, 2016.

ANEXO

INFORMAÇÕES ÚTEIS

Com o objetivo de melhor atender a população, desenvolvemos este conjunto de perguntas e respostas para explicar o que é o Núcleo de Arqueologia do Museu Municipal José Olavo Machado, seu funcionamento e os procedimentos necessários antes de se realizar qualquer obra que envolva o revolvimento do solo na área do Centro Histórico de Santo Ângelo.

1. O que é o NArq/MMJOM?

É um órgão público da Prefeitura Municipal de Santo Ângelo que tem por finalidade pesquisar o passado do município em sua totalidade, mas com ênfase no período do funcionamento da redução Jesuítico-Guarani que existiu no Centro Histórico no século XVIII.

2. Onde se localiza?

Na rua Antunes Ribas, sem nº. ao lado do Museu Municipal José Olavo Machado.

3. Como entrar em contato?

O contato pode ser feito de forma presencial no endereço acima, ou de forma remota através do Email: arqueologianarq100@gmail.com

Telefone: 55 99980-1707 / 54 999403147

4. Horário de Funcionamento

Atendemos de segunda a sexta das 7:30 às 11:30.

5. Quando o NArq/MMJOM é necessário?

Ele é necessário quando a obra estiver localizada na área do Quadrilátero Missioneiro, cuja delimitação é: Norte, pela Rua Sete de Setembro; Sul, pela Rua Rio Grande do Sul; Leste, pela Rua Marechal Floriano e Oeste, pela Rua Quinze de Novembro.

Vale destacar, que o contato deve ser realizado junto à equipe antes de qualquer atividade que afete o solo.

6. Quais procedimentos devo tomar antes de iniciar uma obra?

Entrar em contato com o NArq/MMJOM para que a pesquisa arqueológica seja realizada.

7. Quais documentos devo apresentar?

Uma foto da matrícula do imóvel ou o PDF da Matrícula do imóvel e o projeto em formato PDF, caso tenha.

8. O NArq/MMJOM cobra alguma taxa?

O NArq não cobra taxa para execução do serviço. Apenas solicitamos a ajuda de dois serventes para agilizar os trabalhos de campo.

9. O NArq/MMJOM emite pareceres?

Não. O NArq realiza a pesquisa arqueológica e envia o relatório da pesquisa para o IPHAN. O único órgão que pode emitir pareceres em área de sítio arqueológico é o IPHAN.

10. Quanto tempo dura o trabalho de campo?

Depende da complexidade arqueológica do terreno, da quantidade dos vestígios arqueológicos, das intempéries do período (chuva) e do número de serventes disponibilizados.

11. Depois de concluir o trabalho de campo, quanto tempo demora para o relatório de pesquisa ser entregue ao IPHAN?

Depende da complexidade do que for encontrado em campo.

12. Após a entrega do relatório de pesquisa arqueológica, quanto tempo até a resposta definitiva do IPHAN?

O IPHAN tem o prazo legal de 90 dias para emissão da resposta.

13. É possível iniciar a obra antes da resposta do IPHAN?

Não, nenhuma atividade que envolva o solo pode ser realizada antes do parecer do IPHAN.

14. Caso sejam encontrados vestígios arqueológicos importantes em um determinado terreno no Quadrilátero Missioneiro, a obra é embargada?

Não. Esses vestígios são coletados de forma especializada pela equipe do NArq/MMJOM. A obra não é embargada caso respeite todas as etapas da pesquisa arqueológica.

15. O NArq/MMJOM não é um empecilho ao progresso da cidade?

De acordo com a Lei Federal 3.924 de 26 de julho de 1961, os sítios arqueológicos são protegidos pela União. Sendo assim, toda área acima descrita

é protegida por esta lei. Isso significa que toda obra que envolva atividades no solo deve se precedida pela pesquisa arqueológica. Existem empresas que realizam pesquisa arqueológica, mas cobrando altos preços para isso. A Prefeitura Municipal de Santo Ângelo oferece esse serviço gratuitamente a qualquer pessoa que deseje realizar uma obra no centro histórico. Portanto, o NArq/MMJOM ajuda com o progresso da cidade, fazendo com que as pessoas não tenham que gastar altas somas com empresas de arqueologia.

16. Caso o prazo de 90 dias seja extrapolado, como devo proceder?

Procure o NArq para que este órgão entre em contato com o IPHAN, solicitando urgência.

17. Caso sejam encontrados vestígios arqueológicos relevantes em minha obra, posso utilizá-las para valorizá-la?

É possível, mas depende da anuência do IPHAN.

18. Tenho uma propriedade no interior onde existe um sítio arqueológico, como devo proceder?

O procure o NArq/MMJOM para que auxilie no preenchimento da Ficha de Caracterização de Atividade.

19. Existe algum custo para o auxílio do preenchimento acima?

Não.

20. O NArq/MMJOM realiza educação patrimonial?

Sim, através de atividades como este livro e também através de agendamento, sem qualquer cobrança de taxa.

Caso tiver alguma dúvida, entre em contato e procure nosso assessoramento.

SOBRE OS AUTORES



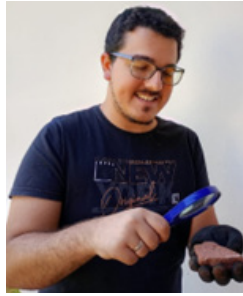
Orestes Jayme Mega

Doutor em Antropologia com área de concentração em Arqueologia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Arqueólogo do Núcleo de Arqueologia do Museu Municipal Dr. José Olavo Machado. Arqueólogo do Museu Histórico de Ipê (voluntário).



Leandro da Silva Zimmermann

Graduado em História, com especialização em Cultura Afro-brasileira e Indígena e pós-graduação em Arqueologia e Patrimônio. Atua como professor da rede municipal de educação de Santo Ângelo. É pesquisador na área de arqueologia, com participação em projetos desde 2015 na região das Missões e no Rio Grande do Sul. Integra equipes e conselhos municipais ligados ao patrimônio histórico e cultural e atua como arqueólogo na iniciativa privada. É coautor de cartilha de educação patrimonial e autor de artigo sobre acessibilidade cultural e tecnologias aplicadas à arqueologia.



Felipe Mateus de Moura

Estudante de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI Santo Ângelo. Estagiário do Núcleo de Arqueologia do Museu Municipal Dr. José Olavo Machado.

O patrimônio arqueológico constitui uma das mais importantes formas de compreender as múltiplas camadas históricas que moldaram uma comunidade ao longo do tempo. Em Santo Ângelo, no coração da região missioneira do Rio Grande do Sul, milhares de vestígios preservados no subsolo revelam histórias que atravessam séculos, conectando o presente aos povos que habitaram este território. Nesta obra, os autores apresentam os resultados iniciais de uma ampla pesquisa desenvolvida junto ao Núcleo de Arqueologia do Museu Municipal Dr. José Olavo Machado, instituição responsável pela guarda, preservação e estudo de um acervo composto por mais de 24 mil fragmentos arqueológicos coletados ao longo de três décadas de investigações. O foco recai sobre o Quadrilátero Missioneiro, área histórica protegida pelo IPHAN, onde se encontram os vestígios da antiga Redução Jesuítico-Guarani de Santo Ângelo Custódio. Com linguagem acessível e fundamentação científica, o livro conduz o leitor por diferentes períodos da história local, destacando especialmente o legado missioneiro, sem deixar de considerar os processos de ocupação e transformação que antecederam e sucederam esse importante capítulo da formação regional. Mais do que apresentar artefatos e dados arqueológicos, a obra convida à reflexão sobre a construção da paisagem urbana, a preservação da memória coletiva e os desafios da pesquisa arqueológica em andamento. Resultado de dois anos de intenso trabalho de investigação, este livro representa não apenas a divulgação de conhecimentos produzidos até o momento, mas também um marco inicial para futuras descobertas sobre o passado de Santo Ângelo. Uma leitura indispensável para estudiosos, educadores, estudantes e todos aqueles que se interessam pela arqueologia, pela história missioneira e pela valorização do patrimônio cultural brasileiro.

ISBN 978-656-135268-0



Prefeitura Municipal de Santo Ângelo

Secretaria da
CULTURA
Santo Ângelo-Missões-RS



MUSEU MUNICIPAL
Dr. José Olavo Machado
Santo Ângelo-RS